



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA-CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

MARIA DE FÁTIMA CARLOS DE SOUZA

**UM OLHAR SOBRE A EDUCAÇÃO DOS SURDOS NO CENTRO EDUCACIONAL
EDIVARDO TOSCANO (GUARABIRA-PB)**

Guarabira-PB, Julho



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA-CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

MARIA DE FÁTIMA CARLOS DE SOUZA

**UM OLHAR SOBRE A EDUCAÇÃO DOS SURDOS NO CENTRO EDUCACIONAL
EDIVARDO TOSCANO (GUARABIRA-PB)**

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia da UEPB Campus III para obtenção do grau de licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Professora Ms. Débora Regina Fernandes Benício.

Guarabira-PB, Julho.

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S719o Souza, Maria de Fátima Carlos de
Um olhar sobre a educação dos alunos surdos no Centro
Educativo Edvardo Toscano (Guarabira - PB) [manuscrito] : /
Maria De Fatima Carlos De Souza. - 2014.
70 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2014.
"Orientação: Débora Regina Fernandes Benício,
Departamento de Educação".

1. Libras. 2. Educação especial. 3. Surdos. I. Título.

21. ed. CDD 419

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GUARABIRA- CAMPUS III

Curso de Graduação em Licenciatura em Pedagogia

Título do trabalho: Um olhar sobre a Educação dos surdos no Centro Educacional Edivardo Toscano (Guarabira-PB)

Autora: Maria de Fátima Carlos de Souza

Aprovação em: 23/07/2014

Banca examinadora

Débora Regina Fernandes Benício

Professora Ms. Débora Regina Fernandes Benício (Orientadora)
Departamento de Educação – UEPB Campus III

Conceição de Maria Costa Saúde

Professora Especialista Conceição de Maria Costa Saúde (Examinadora)
Departamento de Educação - UEPB Campus III

Verônica Pessoa da Silva

Professora Dr^a Verônica Pessoa da Silva (Examinadora)
Departamento de Educação – UEPB Campus III

“A educação é um processo social, é desenvolvimento. Não é a preparação para a vida, é a própria vida”.

John Dewey

A Deus, por ter me dado forças e me ensinou a ser perseverante para chegar até aqui... e a minha família, principalmente ao meu esposo SOBRAL e aos meus filhos: WANDEMBERG, ANDREIA E ANDRESSA por tudo, DEDICO!

AGRADECIMENTOS

Sou grata a Deus por tudo o que Ele tem me oferecido.

Sou muito grata ao meu esposo SOBRAL, pelo apoio moral e técnico, sem o qual eu não teria conseguido ultrapassar os diversos obstáculos que tive de enfrentar ao longo desses quatro anos.

Agradeço especialmente à minha mãe SEVERINA e à minha sogra ISAURA pela disponibilidade de ajudar ao meus filhos no momento que estive ausente por conta dos meus estudos.

Agradeço de coração à minha orientadora DÉBORA, pela boa vontade com que se disponibilizou para me ajudar a vencer mais esta etapa da minha vida

À minha família, pelo incentivo e compreensão nas horas ausentes dedicadas a mais esta etapa da minha vida.

Como também à minha turma 2010.2, que foram as superpoderosas, e em especial às amigas que aqui conquistei M^a Betânia, Josefa Pontes e Sônia Aparecida.

Aos professores e funcionários desta Instituição, pelo apoio.

Agradeço aos professores e intérpretes de LIBRAS, pela vontade com que se disponibilizaram para responder a indagações pertinentes ao tema, os(as) que me ajudaram a apreciar ainda mais com riquezas de detalhes o ensino voltado para aluno surdo no Centro Educacional Integrada Edivardo, na cidade de Guarabira.

E a todos que de alguma forma contribuíram para que eu chegasse até aqui.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 FUNDAMENTAÇÃO TEORICA.....	14
2.1 Trajetória Histórica da Educação dos Surdos.....	14
2.1.1 A Educação dos Surdos na Antiguidade.....	14
2.1.2 A Educação dos Surdos na Idade Média.....	16
2.1.3 A Educação dos Surdos na Idade Moderna.....	18
2.1.4 A Educação dos Surdos na Idade Contemporânea.....	20
2.1.4.1 Período do Oralismo.....	20
2.4.1.2 Período da Comunicação Total.....	23
2.4.1.3 Bilinguismo.....	25
2.2 Língua de Sinais.....	26
2.2.1 O que Significa LIBRAS.....	27
2.2.2 As Características de Língua de Sinais.....	27
2.2.3 As Identidades Surdas.....	29
2.3 A Formação dos Intérpretes de Sinais.....	30
2.3.1 A Atuação do Intérprete de LIBRAS.....	31
2.3.2 A Interpretação para Surdos.....	34
3 METODOLOGIA.....	37
3.1 Pesquisa.....	37
3.2 Pesquisa Bibliográfica.....	38
3.3 Pesquisa Documental.....	39
3.4 Pesquisa de Campo.....	39

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	41
4.1 A Educação dos Surdos no Centro Educacional Edivardo Toscano	41
4.2 Resultados das Entrevistas com Professores.....	44
4.2.1 Formação dos Professores e Área de Atuação.....	44
4.2.2 Nível e Anos (series) de Atuação Profissional.....	45
4.2.3 Tempo de Atuação Profissional.....	46
4.2.4 Como Desenvolver o Trabalho com Alunos Surdos.....	47
4.2.5 Dificuldades que os Professores Entrevistados Enfrentam na Sala de Aula para Trabalhar com Alunos Surdos.....	49
4.2.6 O que a Escola faz para Reverter este Quadro de Dificuldades	49
4.2.7 O que Poderia ser Feito para Facilitar o Trabalho como Professoras de Alunos Surdos.....	50
4.2.8 Outros Recursos Utilizados para Facilitar a Aprendizagem dos Alunos Surdos.....	51
4.3 Resultados das Entrevistas com as Intérpretes.....	52
4.3.1 A Formação dos Intérpretes.....	52
4.3.2 Nível de Atuação dos Intérpretes.....	53
4.3.3 Tempo de Atuação das Intérpretes.....	53
4.3.4 Turno de Trabalho das Intérpretes.....	54
4.3.5 Como Desenvolvem o Trabalho com Alunos Surdos.....	54
4.3.6 Quais as Maiores Dificuldades que Enfrentam na Sala de Aula para Trabalhar com Alunos Surdos.....	55
4.3.7 O que a Escola faz para Reverter este Quadro de Dificuldades?	56
4.3.8 O que Poderia ser feito para Facilitar o Trabalho como Intérprete?	56
4.3.9 Outros Meios Utilizados para Facilitar Aprendizagem dos Alunos Surdos.....	57
4.4 Análise dos Resultados das Entrevistas com os Professores do Centro Educacional Edivardo	57

4.5 Análise dos Resultados das Entrevistas com os Intérpretes do Centro Educacional Edivardo	59
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	62
REFERÊNCIAS	64
APÊNDICES	66
Apêndice A- Questionário dos Professores.....	67
Apêndice B- Questionários dos Intérpretes.....	69

RESUMO

O presente estudo buscou investigar como está a educação dos alunos surdos no Centro Educacional Edivardo Toscano. Para fundamentação teórica foram consultados autores com: Goldfeld (2002), Quadros (2007), Strobel (2006), Mauricio (2010) e outros que discutem a educação voltada para os surdos. Tal estudo envolveu a abordagem de pesquisa qualitativa. Para a coleta de dados foram utilizados os seguintes instrumentos de coleta de dados: observação nas salas de aula que têm alunos surdos, questionários aplicado para alguns professores do ensino fundamental e intérpretes de Libras. Os resultados mostraram que apesar de a escola apresentar uma proposta inovadora para a educação dos sujeitos da educação especial, para os alunos surdos ainda há um longo caminho a ser perseguido na prática, uma vez encontramos um número reduzido de intérpretes para o acompanhamento dos alunos surdos da instituição dentre outros aspectos que comprometem um ensino de melhor qualidade para os referidos alunos.

PALAVRAS CHAVES: Educação Especial; LIBRAS; Surdos; Necessidades Educacionais Especiais.

ABSTRACT

This study aimed to investigate how is the education of deaf students in Edivardo Toscano Educational Center. Goldfeld (2002), Shields (2007), Strobel (2006), Mauricio (2010) and others argue that education aimed at the deaf: For theoretical reasons authors were consulted. This study involved a qualitative research approach. Observation in classrooms that have deaf students, questionnaires applied to some elementary school teachers and performers Pounds: To collect data, the following data collection instruments were used. The results showed that although the school submit an innovative proposal for the education of the subjects of special education for deaf students there is still a long way to be pursued in practice, since we found a small number of interpreters for the monitoring of deaf students among other aspects of the institution that undertakes teaching best quality for these students.

KEYWORDS: Special Education; LIBRAS; Special Educational Needs.

LISTA DAS SIGLAS

AEE- Atendimento Educacional Especializado

ASL- American Sign Language

APADA - Associação de Pais e Amigos de Pessoas com Deficiência

DCN- Diretrizes Curriculares Nacionais

FENEIS - Federação Nacional de Educação e Integração dos surdos

FUNAD - Fundação Centro Integrado de Apoio ao Portador de Deficiência

INES – Instituto Nacional de Educação de Surdos

ISL- Intérprete de Língua de Sinais

L¹ -Língua de Sinais

L² -Língua Portuguesa

LDB - Lei de Diretrizes e Bases

LIBRAS -Língua Brasileira de Sinais

MEC - Ministério da Educação

PPP- Projeto Político Pedagógico

UNESCO- Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

1 INTRODUÇÃO:

Na atualidade, a educação de alunos surdos é uma questão que tem sido objeto de vários estudos, uma vez que são inúmeras as conquistas sociais e políticas que a comunidade surda alcançou. São vários os documentos legais voltados para a educação da pessoa com deficiência tais como: a Constituição Federal de 1988, a LDB nº 9.394/96 e documentos específicos voltados para a garantia dos direitos da educação de surdos que possibilitam a defesa dos direitos dos surdos no país. Além destes, o Decreto Nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005, regulamentou a Lei Nº 10.436 de 24 de abril do ano 2002, garantiu dentre outros avanços, uma educação bilíngue, além da presença de intérprete na sala de aula e a Lei Nº 12.319, de 01 de setembro do ano de 2010, regulamentou a profissão tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais-LIBRAS, todos reconhecidos como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais-LIBRAS. Entretanto, apesar dos avanços significativos, ainda há um longo caminho a ser percorrido para que tais conquistas passem do discurso e dos textos legais para a sua efetivação no dia a dia da referida comunidade, assim como dos demais sujeitos da educação especial como um todo.

A partir destas leis, foi atribuída de forma específica ao Ministério Público a defesa dos interesses das pessoas surdas, com a possibilidade de assegurar o pleno exercício de seus direitos básicos, principalmente no que diz respeito à educação. Isto é justificado pelo fato de que o aluno surdo leva muito tempo para aprender a língua portuguesa por falta da audição. Como não pode ouvir o som emitido por professores de língua portuguesa que não sabem LIBRAS, é necessário que um profissional intérprete de Libras esteja atuando na sala de aula como mediador entre o aluno surdo e o professor da sala de aula como foi solicitado por Lei.

Diante desta problemática a escola precisa atender a necessidade do aluno, mediante da implementação de práticas pedagógicas, que propiciem um melhor o conhecimento transmitido para os alunos surdos com o apoio especializado do referido profissional, e assim, o surdo terá mais autonomia como cidadão, terá acesso aos bens culturais historicamente produzidos pela humanidade e terá melhores condições de inserção no mercado de trabalho.

É, pensando nesta situação do aluno surdo, é que se questiona a verdadeira situação das escolas, principalmente na cidade de Guarabira. Procuramos investigar especificamente, neste trabalho, *qual a situação da educação do aluno surdo no Centro de Educacional Edivardo Toscano?* Gostaríamos de saber: como será que os alunos surdos estão aprendendo? Será que a referida escola atende às necessidades do aluno considerando as: conquistas garantidas na legislação vigente?

Hoje, vivemos em uma sociedade muito exigente e competitiva principalmente no mercado de trabalho. É pensando neste contexto em que o aluno surdo, precisa estar tão apto a ingressar no mercado de trabalho quanto o aluno ouvinte, que se começa a ver com outros olhos a formação do aluno surdo nas escolas. O ensino de LIBRAS e paralelamente a atuação profissional intérprete de LIBRAS são de grande relevância para a aquisição do conhecimento por parte dos surdos na atualidade. Este profissional que ajuda na mediação do conhecimento é oficialmente recente nas escolas. O que se sabe, é que antes a própria família, por amor e querer o melhor para seus filhos, era quem se encarregava de acompanhar seu filho surdo na escola, para dar apoio técnico em relação à língua de sinais, devido à falta do profissional intérprete de Libras na referida instituição de ensino.

Agora contamos com algumas mudanças no que diz respeito a esta questão. Precisamos verificar até que ponto os resultados destas mudanças estão sendo satisfatórios a favor da aprendizagem dos alunos surdos. Tanto academicamente, quanto socialmente são necessários estudos que colaborem com o desenvolvimento integral destes alunos.

Este trabalho teve como objetivo geral investigar como está sendo desenvolvida a educação dos alunos surdos no Centro de Educacional Edivardo Toscano. Trabalhamos com os seguintes objetivos específicos: a) realizar um breve histórico da educação de surdos; b) conceituar a LIBRAS e descrever as principais características da mesma; c) caracterizar a atuação do intérprete da LIBRAS; e d), descrever a educação dos alunos surdos no Centro Educacional Edivardo Toscano.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

De início, as pessoas com deficiência sequer cuidados lhes eram concedidos como rever nos últimos tempos. Somente após muita evolução de fundamentos educacionais que surgem algumas preocupações com o ensino voltado às referidas pessoas e, neste contexto evidenciamos, algumas mudanças no decorrer dos tempos, a exemplo da educação de surdos que começou a receber alguma atenção por parte das políticas públicas. A seguir, teremos uma breve retrospectiva histórica, pontuando os principais fatos da educação dos sujeitos surdos.

2.1 Trajetória Histórica da Educação dos Surdos

No início dos tempos o surdo teve uma trajetória muito conturbada, para que entendamos a educação de surdo nos dias de hoje, precisamos conhecer como o surdo era visto desde a antiguidade até os dias atuais, e, além disso, compreender de que forma ele estava inserido na sociedade.

2.1.1 A Educação dos Surdos na Antiguidade

Para Berthier (1984, p.165) citado por Strobel (2009), a história da relação do surdo com o resto da sociedade tem início na Antiguidade. Naquele período atrocidades eram realizadas contra as pessoas que apresentassem os deformação por parte dos espartanos, que condenavam à morte toda criança que nascesse retardada ou deformada. Sendo assim,

A infortunada criança era prontamente asfixiada ou tinha sua garganta cortada ou era lançada de um precipício para dentro das

ondas. Era uma traição poupar uma criatura de quem a nação nada poderia esperar. (BERTHIER, 1984, p. 165).

Ainda, em relação às palavras de Berthier, cabe ressaltar que, os surdos sofreram as piores condições que o indivíduo suportaria, foram várias atrocidades concedidas e apoiadas pela sociedade e que os surdos sofriam por serem tidos como pessoas insignificantes, de baixo valor humano.

Na Idade Antiga, os surdos eram considerados seres castigados por Deus. Na Grécia Antiga, os humanos não tinham como pressuposto ter um corpo escultural. E isso era atributo dos deuses mitológicos. Para Aristóteles (348-322 a. C.), as pessoas que nasciam surdas eram consideradas também mudas, e, assim, não podiam falar. Ainda segundo Aristóteles, a consciência humana só poderia ser alcançada através da linguagem, ou seja, naquela época os surdos eram vistos como pessoas que eram penalizadas por Deus, já que as pessoas deveriam ser fisicamente perfeitas.

O surdo não era considerado ser humano perfeito devido à ausência da fala e/ou sentidos. Assim que eram classificados como insignificantes para a sociedade daquela época, por conta da sua condição de seres humanos incompletos por não ouvir e conseqüentemente não falar, aos surdos era negado o direito de exercer sua cidadania. Diziam que sem fala não desenvolveriam o pensamento. (MAURÍCIO, 2010). Aristóteles falava que a linguagem era o que dava condição de humano ao indivíduo.

Em Esparta, para as pessoas que eram defeituosas, provavelmente a execução ou o abandono acontecia por serem improdutivas, por não participarem de atividades guerreiras ou por ira dos deuses, mas não por padrão de normalidade, mesmo porque a acepção atual do termo não existia. Davis (2006) citado por Bentes e Hayashi (2012), afirma que a normalização do corpo é uma ocorrência recente da civilização. O termo de estabelecimento de padrões e, por conseguinte, de definição dos defeitos ou problemas físicos ou mentais, decorrentes da anormalidade, é bastante recente na sociedade ocidental. Os surdos por não conseguir falar também eram considerados com baixo valor e por conta da situação que lhe era atribuída eles eram deixados às margens da cidade e/ou excluídos da sociedade.

Essa cultura grega se dava pela grande preocupação em formar “perfeitos guerreiros”. Os gregos acreditavam que para um bom resultado em guerra, os homens deveriam obrigatoriamente ser fortes, sadios, corajosos, e para gerar esse homem ideal para a guerra, a mulher também deveria ter ótima saúde, ser bela, dedicada, feminina. A mulher que não tivesse essas características seria incapaz de gerar um guerreiro ideal (BIANCHETTI; FREIRE, 2002).

A cultura grega era muito voltada a questões de corpo perfeito, sua preocupação era muito visível, até mesmo na exibição do filme “300” que relata a história de um rei e seus trezentos homens guerreiros, homens estes que eram os guerreiros mais perfeitos e habilidosos na arte da guerra. É através dos acontecimentos que percebemos o tratamento que era dado às pessoas que não fossem perfeitas para a sociedade Espartana. O filme mostra como se dava a vida dos cidadãos. O que se percebe como era a trajetória dos filhos espartanos, de início eles ficavam com suas famílias até completar os sete anos de idade, depois eles eram tirados de suas famílias para ser preparados como guerreiros para defender seu povo e/ou sociedade.

Segundo Strobel (2009), no Egito e na Pérsia, os surdos eram considerados como criaturas privilegiadas, enviados dos deuses, porque acreditavam que eles comunicavam em segredo com os deuses. Havia um forte sentimento humanitário e de respeito, protegiam e tribulavam aos surdos a adoração, no entanto, os surdos tinham vida inativa e não eram educados. Porém, as dificuldades continuavam, e os surdos eram vistos como pessoas que eram sobrenaturais, pois sua comunicação era algo sem explicação, porque as pessoas não conseguiam entender a comunicação que ocorria entre os mesmos (surdos). Justamente por não compreendê-los eram tidos como criaturas respeitadas na sociedade no Egito e na Pérsia, que ao contrário do que acontecia nos demais países onde havia a falta de respeito humanitário. Por outro lado, em Roma os sujeitos surdos eram vistos pessoas castigadas ou enfeitiçadas, então eram abandonados ou eliminados fisicamente, sendo jogados no Rio Tiger. Só assim, os romanos se livravam de um peso que não iria contribuir em nada com a sociedade.

2.1.2 A Educação dos surdos na Idade Média

Na Idade Média a Igreja Católica dizia que a alma do surdo não era imortal, por este não ser capaz de professar os sacramentos. Os surdos eram proibidos de comungar devido à ausência de sua fala, já que eles não conseguiam confessar-se, então a igreja entendia este limite como obstáculo para tal ação. A Igreja se posicionou contra as pessoas surdas pela impossibilidade de comunicação entre elas e as demais pessoas no meio social, e talvez no convívio familiar. Elas também encontraram resistência por parte dos que não as compreendiam. (MAURÍCIO, 2010).

Os surdos eram proibidos de receber a comunhão por serem considerados incapazes de confessar seus pecados. Também havia decretos bíblicos contra o casamento de duas pessoas surdas, só sendo permitido àqueles que recebiam autorização do Papa. Também existia leis que proibiam os surdos receber heranças e votar e, enfim, de ter todos os direitos de cidadãos. (VELOSO; MAIA FILHO, 2009). Neste período, só eram respeitadas as pessoas que pudessem exercer suas atividades, sejam elas humana e/ou espiritual. Na medida em que se iam sendo reveladas as suas incapacidades no entendimento da comunicação, o surdo passou a ser excluído no meio social, passou a visto como pessoa desvalorizada como ser humano, incapaz de ser aceito dentro da normalidade da sociedade. Para a igreja Católica a pessoa só tinha valor o cidadão que professasse e comungasse, e assim, a ela era dado todo direito perante a Lei local.

Em Roma, precisamente no século VI, durante o reinado do imperador Justiniano, foi formulado o Código Justiniano, que diferenciava a surdez da mudez e ordenava que as pessoas que nascessem surdas e mudas não poderiam fazer testamento, nem receber herança. Entretanto os surdos teriam seus direitos preservados se a surdez ocorresse durante a sua vida. Aos surdos já lhe eram negados seus direitos antes mesmo de entender o seu significado do qual tratava o Código Justiniano. (MAURÍCIO, 2010).

Neste período, os romanos herdaram dos gregos a idolatrarão pela perfeição física. Assim, os recém nascidos que apresentavam imperfeições em seu corpo eram sacrificados. Entretanto, este destino não se aplicava muitas vezes aos bebês surdos, porque não se percebia a surdez ao nascerem, assim, como descreve Radutzky (1992).

Em Roma, por outro lado, a situação ainda era mais difícil para aquelas pessoas que não fossem beneficiadas por sua condição de perfeição, mas, e principalmente as pessoas que não falavam elas eram consideradas incapazes de exercer suas atividades. Os romanos diziam que os surdos que não falavam não possuíam seus direitos legais sobre seus bens, e assim, necessitariam de pessoas que se responsabilizassem por eles. Mesmo no seio de suas famílias, em algumas situações os surdos que não eram compreendidos passavam a serem rejeitados e abandonados dentro da sua própria casa. Para a sociedade os surdos não eram respeitados, e a eles eram negados todos os seus direitos de cidadão.

2.1.3 A Educação dos Surdos na Idade Moderna

Um dos momentos mais marcantes para a educação de surdos aconteceu em meados do século XVI, quando o médico Girolano Cardano propôs que os surdos poderiam ser ensinados. Esta proposta partiu de seus estudos sobre o ouvido, o nariz e o cérebro e sua experiência de ensino e convívio com seu filho surdo. Ainda no século XVI, *Pedro Ponce de Leon*, monge beneditino espanhol, educava crianças a ler, escrever, fazer contas, orar, confessar-se e assim, estas tinham seus direitos legais preservados e também poderiam professar sua fé católica. Cardano foi o médico que estudou de outra maneira a forma que o sujeito surdo tinha em aprender mesmo tendo limitação por parte sua incapacidade de ouvir e falar. (GOLDFELD, 2002).

Mas no período em estudo, o surdo foi discriminado por sua condição física, a ele foram impostos limites e lhe foi negada uma vida normal como os demais cidadãos da sociedade. Já não se sabe muito a respeito do método que *Pedro Ponce de Leon*, o que se sabe, é que foi ele que desenvolveu uma metodologia de educação de surdos que incluía datilologia (representação manual das letras do alfabeto), escrita e oralização. Também foi ele que criou uma escola para professores de surdos. *Ponce de Leon* utilizou um método simples para ensinar aos surdos. Apenas com o alfabeto manual uma determinada configuração da mão representaria uma letra do alfabeto latino. Além disso, em seu método, ele engajava

os outros sentidos preservados do surdo, principalmente a visão e o tato. Ele seria considerado o primeiro professor de surdos da história. (MAURÍCIO, 2010).

Em 1620, o espanhol *Juan Martin Pablo Bonet* publicou o livro “*Reduccion de las letras y artes para enseñar a hablar a los mudos*”, que trata da invenção do alfabeto manual, já utilizado por *Pedro Ponce de Leon*. *Bonet* usava a leitura, o alfabeto manual, a gramática e manipulava os órgãos fonoarticulatórios (boca, língua, faringe), como formas de ensinar o surdo a pronunciar palavras. *Bonet* é considerado o percussor do Oralismo. (GOLDFELD, 2002).

O alfabeto manual só veio a somar em benefício do surdo, pois só através do alfabeto que as pessoas conseguiram uma maneira eficaz de comunicação com esta pessoa. Até aquele momento era difícil a comunicação com surdos, a partir de então os surdos não mais sentiam isolados, devido a sua condição de seres humanos limitados pela audição, finalmente começaram a interagir com outras pessoas. Em 1644, foi publicado por *John Bulwer* o primeiro livro em inglês sobre a Língua de Sinais chamado “*Chirologia*”. Alguns anos depois lançou o livro “*Philocopus*”, o qual afirmava que a língua de sinais é capaz de expressar os mesmos conceitos que a língua oral. Assim, pode-se dizer que a língua de sinais tinha o mesmo valor expressivo do que qualquer outra língua. (GOLDFELD, 2002).

Por volta de 1650, algumas teorias a respeito da aprendizagem da fala e da linguagem chamaram atenção de dois homens para a educação dos surdos: o reverendo *William Holder* e o reverendo *John Wallis*. Enquanto o reverendo *William Holder* concentrava seu trabalho no ensino da fala, o reverendo *John Wallis* utilizava o alfabeto manual e, ao mesmo tempo, pronunciava palavras em inglês com a intenção de ensinar a escrita e a fala aos surdos. *Wallis* é considerado percussor do método escrito. Estes dois reverendos foram de muita importância para os surdos, seus métodos facilitaram a comunicação entre as pessoas surdas e as demais pessoas. (GOLDFELD, 2002)

Logo adiante na segunda metade do século XVII, George Dalgarno (1626-1687) declarou que os surdos tinham sua função cognitiva preservada, ou seja, possuíam o mesmo potencial para a aprendizagem do que qualquer outra pessoa desde que recebessem uma educação adequada. Foi ele que também, em 1680, descreveu um sistema primitivo de alfabeto manual o qual denominou datilologia, e defendia que a criança surda deveria ser exposta a datilologia o mais cedo possível para desenvolverem uma linguagem similar à das crianças ouvintes.

A sua conclusão foi devido a seus estudos em relação ao aprendizado da criança surda, ele chegou a avaliar que quanto mais cedo a criança tenha contato com a língua de sinais, mais facilidade ela terá em aprender os sinais, portanto, quanto mais cedo ela ter contato, mais rápido ela aprende. (MAURÍCIO, 2010).

2.1.4 A Educação dos Surdos na Idade Contemporânea

Na Idade Contemporânea, de acordo com Goldfeld (2002), temos o registro de três períodos que marcam a educação das pessoas surdas. A saber: o Oralismo, a Comunicação Total e o Bilinguismo. É o que estudaremos a seguir.

2.1.4.1 Período do Oralismo

O Oralismo é o ensino para surdos baseado na Comunicação Oral. De início, importante pedagogo alemão *Samuel Heinick*, professor de surdos, alegava ter passado por tantas dificuldades que não pretendia dividir suas conquistas com ninguém. Ele propõe uma filosofia de ensino para surdos que, mais tarde passou a ser considerada o início do método oral. Foi ele que fundou a primeira escola pública alemã para surdos baseados no método oral. Segundo esta metodologia somente a língua oral deveria ser utilizada na educação dos surdos.

Para seus defensores, essa seria a situação ideal para que eles integrassem na sociedade. Somente as famílias nobres e influentes que tinham filho surdo contratavam os serviços de professores para evitar que seu filho ficasse privado da fala e conseqüentemente dos direitos legais. (GOLDFELD, 2002).

De acordo com Maurício (2012), os oralistas exigiam que os surdos se reabilitassem, que superassem sua surdez, que falassem e, de certo modo, que se comportassem como ouvintes. Os gestualistas perceberam que os surdos desenvolviam uma linguagem que, embora diferente da oral, era eficaz para a comunicação. Tudo isto fez com que a oposição entre oralista e gestualistas

perdurasse desde o final do século XVIII até a atualidade. Para a comunidade surda o principal representante gestualista foi o abade *Charles M. De L'Épée*, com seu método francês de educação de surdos. Ele foi o primeiro a estudar uma língua de sinais com atenção para suas características linguísticas. (MAURÍCIO, 2012).

Partindo para o contexto mais próximo da atualidade, ou seja, a Contemporaneamente a de *L'Épée*, havia pedagogos oralistas que o criticavam e que desenvolviam outro modo de trabalhar com os surdos, como, por exemplo, Pereira, em Portugal, e *Heinicke*, na Alemanha. *Heinicke* é considerado o fundador do oralismo. As metodologias de *L'Épée* e *Heinick* se confrontaram e foram submetidas à análise da comunidade científica. No entanto, os argumentos de *L'Épée* foram considerados mais fortes e, com isso foram negados a *Heinick* recursos para ampliação de seu instituto. O século XVIII é considerado o período mais fértil da educação dos surdos a exemplo do grande impulso quantitativo, aumento das escolas para surdos, já que em línguas de sinais o surdo podia aprender e dominar diversos assuntos e exercer várias profissões. (MAURÍCIO, 2010).

No Brasil, logo adiante, a comunidade surda ganha outro avanço que aconteceu em 1855, a chegada do professor francês *Hernest Huet* (1822-1882), que era um francês com surdez adquirida aos 12 anos de idade, provavelmente decorrência do sarampo. Ele também foi ex-aluno do Instituto Nacional de Surdos de Paris e chegou ao Brasil provavelmente no ano de 1855 no Rio de Janeiro, na época sede da monarquia portuguesa, com uma carta de recomendação a qual apresentou ao Imperador D. Pedro II. Ele veio a convite do Imperador D. Pedro II para fundar a primeira escola para meninos surdos no Brasil: o Imperial Instituto de Surdos Mudos. (MAURÍCIO, 2010). Hoje, é chamado Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), mantido pelo governo federal e atende crianças, jovens e adultos surdos.

Oviedo citado por Bentes (2012, p. 69) afirma que

[...] “também se identifica que eram poucos os alunos. Eram sete meninos na idade de 7 a 17 anos, seis dos quais eram “mantidos pelo Imperador, pelo convento, pelos mosteiros, e um pela própria família” [...].

Para Oviedo, no início foram poucos os alunos que recebiam ensinamentos em língua de sinais aqui no Brasil, mas foi assim que aos poucos começaram surgir as primeiras escolas para alunos surdos. Desta maneira a comunidade surda foi ganhando espaço na sociedade e principalmente com o método de *Huet* que incluía o uso de sinais datilológicos para aquisição da linguagem escrita e a leitura labial. Para aqueles que tivessem ainda resíduos auditivos, *Huet* acreditava que conseguiriam desenvolver a linguagem oral, articulada.

Huet dirigiu o Instituto Imperial para surdos e mudos de ambos os sexos desde a sua fundação em 1857 até 1861. De acordo com Rocha (1997) citado por Bentes (2012, p. 69) uma primeira versão para sua saída é a de que teria sido ocasionada por conflitos financeiros e intrigas pessoais com o Marques de Olinda. Outro argumento seria o convite para fundar uma escola de surdos no México, o que foi aceito por *Huet*. Este talvez seja o verdadeiro motivo de sua saída do Instituto Nacional de Educação de Surdos. Mas esta notícia não ficou confirmada pelos historiadores, pois foram encontrados vários motivos para sua saída do Instituto INES.

É importante ressaltar que o mais importante defensor do oralismo nos Estados Unidos foi o escocês Alexander Granham Bell, inventor do telefone, considerado o gênio da tecnologia, sua mãe e sua esposa eram surdas, mas ele tinha medo de que a comunicação gestual usada pelos surdos os isolasse em pequenos grupos e com isso adquirissem muito poder. Com o desejo de integrar os surdos à maioria ouvinte, obrigava-os a falar, Alexander, tinha como objetivo principal eliminar as línguas de sinais, acabar com os casamentos entre surdos (ação que na antiguidade já tinha acontecido, a exemplo do casamento entre surdos eram proibidos) e ensinar a língua majoritária na modalidade oral para os surdos. Por esses motivos foi considerado pelo primeiro presidente da Associação Nacional de Surdos da América o mais temido inimigo dos surdos americanos (LANE, 1984 apud MAURÍCIO, 2010).

Em 1878, realizou-se em Paris, o I Congresso Internacional sobre a Instrução de surdos, onde foram discutidas algumas experiências de trabalho. Mesmo em meio de tantas dificuldades os surdos tiveram algumas conquistas a mais, como direito a assinar documentos. Entretanto, dois anos depois veio o segundo encontro

que aconteceu em Milão considerado o marco histórico para os oralistas, aqueles lutavam para banir a língua de sinais entre os surdos. (MAURÍCIO, 2010).

Aconteceu em 1880, foi realizado o II Congresso Internacional, em Milão, considerado um marco histórico declarando-se a superioridade do método oral puro sobre uso de sinais. O congresso foi preparado por uma maioria oralista, com o firme propósito de dar força de lei às suas proposições no que se dizia respeito à surdez e à educação de surdos. Neste Congresso Granham, usou de seu prestígio em defesa do oralismo e ajudou na votação da aprovação do uso exclusivo e absoluto da metodologia oralista. Nesta época as línguas de sinais ainda não tinham status de língua. Os estudiosos referiam-se aos sinais como linguagem, e defendiam abolição da linguagem de sinais. Segundo Lacerda (1998, p. 25) “[...] acreditava-se que o uso de gestos e sinais desviasse o surdo da aprendizagem da língua oral, que era mais importante do ponto de vista social [...]”.

O oralismo venceu, sendo o uso da língua de sinais oficialmente proibida e nesse Congresso os professores surdos foram excluídos da votação. Após o evento, a metodologia oral passou a ser utilizada em todas as escolas para surdos, destacando-se a prática terapêutica da fala.

É importante salientar que os aspectos referentes à escolarização do surdo eram colocados em segundo plano, já que a finalidade era reabilitação da surdez, com o objetivo de curar o surdo. A partir do congresso de Milão, o oralismo foi o referencial assumido e as práticas educacionais vinculadas a ele foram desenvolvidas e divulgadas e um grande processo de mudança se desenvolveu e esta metodologia foi logo adotada pela maioria das escolas, em oposição às metodologias aplicadas nas escolas. A referida metodologia permaneceu inquestionável mesmo com o seu insucesso, que ocasionou atrasos de cem anos no desenvolvimento da maioria dos surdos.

2.1.4.2 Período da Comunicação Total

Com relação às sucessivas pesquisas a comunidade surda ganha com os trabalhos desenvolvidos por *William Stokoe* citado por Bentes (2012, p. 83). Na

década de 1960, começaram a surgir estudos sobre as línguas de sinais utilizadas pelas comunidades surdas, entre eles as pesquisas de *William Stokoe* (1919-2000), da Universidade Gallaudet. O referido autor descreve a estrutura da *American Sign Language* (ASL). *Stokoe* propôs um esquema linguístico estrutural para analisar a formação dos sinais e propôs também a decomposição de sinais na ASL em três principais configurações:

- Configuração de mão (MC);
- Locação de mãos (L);
- Movimento de mão (M).

Depois de *Stokoe*, *Battison* contribuiu com o descobrimento de mais dois elementos de orientação de mão e expressão faciais.

- Articulação (A);
- Expressão facial e/ou corporal; (E F, C).

O descontentamento com o oralismo e as pesquisas sobre línguas de sinais deram origem a outras propostas pedagógico-educacionais em relação à educação da pessoa surda. Nos anos 70, iniciou-se a metodologia denominada comunicação total. *Maurício* (2010). No entanto, o surdo ainda apresentava sérias dificuldades em expressar sentimentos e ideias comunicar-se em sociedade. Por conseguinte as crianças surdas de vários países passaram a ser encaminhadas para as escolas regulares. Aqui no Brasil, as Secretarias estaduais e municipais passaram a coordenar o ensino para alunos com deficiências, e devido a esta necessidade foram surgindo as salas de recursos e classes especiais para alunos surdos. (*Maurício*, 2010).

Segundo *Ciccone* (1990) citado por *Goldfeld* (2002) afirma que uma das diferenças entre a comunicação total e as outras filosofias Educacionais é o fato de que a comunicação total defender a utilização de qualquer recurso linguístico, seja a língua de sinais, a língua oral ou códigos manuais, para facilitar a comunicação com as pessoas surdas.

No Brasil, a Comunicação Total, segundo *Rocha* (1997) citado por *Bentes* (2012), foi o primeiro modelo implantado oficialmente no INES em 1975, com atividades de estimulação sensorial da fala e da audição. Neste país, a Comunicação Total caracterizou-se por usar todas as formas de comunicação possíveis inclusive o português sinalizado para trabalhar a estrutura da língua

portuguesa, usado o tal léxico para a língua de sinais. A Comunicação Total trouxe seu reconhecimento e também a valorização da língua de sinais que foi excluída por mais de cem anos da educação dos surdos.

A Comunicação Total apresentou aspectos positivos e negativos, tendo em vista a situação em que se encontrava o surdo. Este foi um método em que veio esclarecer questões relacionadas ao surdo e à surdez. Um ponto positivo foi o benefício da utilização de Códigos espaço-viso-manuais. Como ponto negativo o que se percebe é a não valorização da língua de sinais e, conseqüentemente, da cultura surda. A Comunicação Total tem um grande mérito, de deslocar a língua oral como principal objetivo na educação do surdo e considerar *a priori* a comunicação dessas crianças, além de reverter a maneira que a pessoa surda era vista pelo oralismo.

2.1.4.3 Bilinguismo

Paralelamente ao desenvolvimento das propostas de comunicação total, estudos sobre as línguas de sinais foram se tornando cada vez mais estruturadas e, com eles foram surgindo também alternativas educacionais orientadas para a educação bilíngue. Para alguns, o modelo de educação bilíngue se contrapõe ao modelo oralista porque considera o canal visual-gestual de fundamental importância para a aquisição de linguagem da pessoa surda. Essa proposta defende a ideia de que a língua de sinais é a língua natural dos surdos, que, mesmo sem ouvir, eles podem desenvolver plenamente uma língua. Mauricio (2010).

O Bilinguismo contrapõe-se à comunicação total porque defende um espaço efetivo para a língua de sinais no trabalho educacional e se opõe a sua mistura com uma língua oral.

De acordo com Goldfeld (2002), O bilinguismo tem como pressuposto básico que o surdo deve ser bilíngue, ou seja, deve adquirir como língua materna a língua de sinais, que é considerada a língua natural e/ ou nativa dos surdos e, como segunda língua, a língua oficial de seu país. Por essa razão, o indivíduo simplesmente pode se expressar-se em duas ou mais línguas ou dois sistemas linguísticos diferentes. A escola, ao considerar o surdo como ouvinte numa lógica de

igualdade, lida com a pluralidade dessas pessoas de forma contraditória, ou seja, nega-lhes sua singularidade de indivíduo que tem surdez. Tal inconsistência nos leva a reivindicar uma revisão educacional, que possibilite uma prática pedagógica e contemple a especificidade do aluno surdo. O que se pode observar é que as políticas educacionais direcionadas para crianças com deficiências têm como objetivo proporcionar o desenvolvimento pleno de suas capacidades.

O aluno surdo não pode ser considerado como um indivíduo que não tem condições cognitivas para o aprendizado, pois de acordo com Scottini (1998), surdez é falta de audição. É a perda menor ou maior da percepção dos sons e existem vários tipos de surdez, sendo assim, tal limitação não impede a cognição do indivíduo surdo para aprendizagem. A surdez não implica em déficits cognitivos.

Os estudiosos ligados ao bilinguismo percebem o surdo de forma bastante diferente dos estudiosos Oralistas e da Comunicação Total. Para eles o surdo não precisa ter uma vida igual ao ouvinte. Mas, o surdo é capaz de aprender, compreender e interagir, especialmente por meio da língua de sinais. Quando o ouvinte procura aprender a língua de sinais, ele passa a fazer parte da comunidade surda, ou seja, você passa a ser bilíngue e a fazer parte da comunidade surda.

2.2 Língua de Sinais

Para Saussure, citado por Goldfeld (2002) a língua é o aspecto social da linguagem, já que é compartilhada por todos os falantes de uma comunidade linguística e foi considerada pelo autor o objeto de estudos da Linguística. Entretanto, Bakhtin (1990), *apud* Goldfeld (2002, p. 19) considera a significação um aspecto bastante importante da língua, ressaltando que a enunciação só ganha sentido no contexto social na qual está inserida. Para o falante, a língua não é representada pelos aspectos normativos, isto é, a língua é uma união entre dialética e a ideologia. A língua é meio de ligação entre o pensamento e ação, ou seja, a língua põe em prática o que foi pensado cognitivamente e foi executado de acordo com planejado. Quando fala sabe-se o pensou, e só passou a saber quando a língua exerce o seu papel que é a atividade de sistema abstratos.

Entretanto, Bakhtin (1990) critica a visão de língua utilizada pela corrente ideológico-linguística Objetivismo Abstrato, corrente está representada principalmente por Saussure, diz que o falante de uma língua não a reconhece como sistema de normas abstratas e sim como um conjunto de significações dadas de um determinado contexto. Conclui-se que para Bakhtin, a língua é a união entre o psiquismo e a ideologia, que formam uma relação dialética indissolúvel, ou seja, uma não se separa da outra, ao contrário uma depende da outra, e a união da dependência entre ambas. (GOLDFELD, 2002).

2.2.1 O que significa LIBRAS?

O que é LIBRAS? É uma das siglas para referir a língua brasileira de sinais: Língua Brasileira de Sinais, difundida pela Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos – FENEIS. Sua origem é na Língua de Sinais Francesa, no entanto a língua de sinais não é universal, ela sofre variações em determinados locais a exemplo de comunidades, regiões e países. (QUADROS).

A língua de sinais brasileira possui suas próprias expressões regionais e tem estrutura gramatical própria. Uma definição de LIBRAS é? A Língua de Sinais Brasileira é umas denominadas línguas de sinais de modalidade gestual-visual (ou espaço visual), pois a informação linguística é recebida pelos olhos e reproduzida pelas mãos. As línguas de sinais contêm os mesmos princípios subjacentes de construção que são das línguas orais, no sentido de léxico, isto é, um conjunto de símbolos convencionais (GOLDFELD, 2002).

Vale ressaltar que a Libras está cada vez mais forte no país. Foi reconhecida oficialmente pelo governo brasileiro em 2002. De lá para cá os avanços são significativos. Por exemplo, a regulamentação da profissão Tradutor / Interprete de Libras. Mas o maior crédito para as conquistas deve ser dado às iniciativas de associações de surdos. Foi delas que surgiram as lutas das grandes conquistas na comunidade surda.

2.2.2 As Características da Língua de Sinais

A LIBRAS é reconhecida como língua pelo fato de possuir todos os níveis próprios das línguas orais auditivas, embora trate de uma língua que representa uma minoria linguística e uma modalidade diferente de língua portuguesa. No art. 1º a Lei 10.436/2002 é reconhecida como instrumento legal de comunicação e expressão da Língua Brasileira de Sinais-LIBRAS, que foi sancionada pelo então Presidente da República Exmo. Fernando Henrique Cardoso, mais só passou ser oficial com o Decreto 5.626/2005, assinado pelo então Presidente da República do momento o Exma. Luiz Inácio Lula da Silva, que passou ser reconhecida de fato perante a Sociedade. E outros recursos de expressão a ela associada a sua cultura.

A Língua Brasileira de Sinais é uma língua de sinalizada usada pela comunidade surda, que vive no Brasil, e tem como escrito a modalidade gestual-visual, não podendo ser chamada de gestual ou uma mímica, pois o que chamamos de palavras na língua oral, na língua de sinais são sinais, pois a mesma possui características que as classificam como uma língua própria com gramática própria. (SILVA, 2002).

Da mesma forma que temos nas línguas orais os pontos de articulação dos fonemas, também temos na língua de sinais. Os pontos de articulações são toques que expressam no corpo ou no espaço neutro sua confecção. Assim, para realizar um sinal é necessário conhecer os cinco parâmetros desta língua. A saber:

- **Configuração das Mãos (CM):** São as formas que colocam as mãos para a execução do sinal. Pode ser representado por uma letra do alfabeto, dos números, ou outras formas de colocar a mão no momento inicial do sinal. A configuração de mãos é a representação de como estará a mão de concordância (direita para os destros e a esquerda para os canhotos) no momento inicial do sinal. Também existem sinais que podem ser representados pelas duas mãos.
- **Ponto de articulação (PA):** é o lugar onde incide a mão configurada para a realização do sinal. O ponto de articulação pode ser em alguma parte do corpo ou o sinal poderá ser realizado num espaço neutro vertical ou espaço neutro horizontal.
- **Movimento (M):** em alguns sinais tem movimento, outros não, são sinais estáticos. O que se entende por movimento é a deslocação da mão no espaço na execução do sinal.
- **Orientação ou Direcionamento (O/D):** é a direção que o sinal terá para ser executado.
- **Expressão Facial e/ou Corporal (EF/C):** muitos sinais necessitam de um complemento facial e até corporal, para fazer com que sejam entendidos. A

expressão facial é o conjunto de feições feitas pelo rosto para dar sentido ao sinal realizado.

Para a realização de um sinal, é preciso estar atentos para cada um destes parâmetros, visto que uma pequena mudança já poderá significar outro sinal. O surdo só irá ter certeza da palavra se o sinal for feito de acordo com as regras de cada parâmetro. (Conteúdos retirados de materiais oferecidos pela FENEIS¹, 2006).

2.2.3 Identidades Surdas

Segundo Perlin (1998), “ter identidade é ter consciência de ser diferente, de ser surdo com cultura e língua própria”. Ainda de acordo com as palavras de Perlin, as identidades podem ser definidas como:

- **Identidade Flutuante:** na qual o surdo se espelha na representação hegemônica do ouvinte, vivendo e se manifestando de acordo com o mundo ouvinte;
- **Identidade Inconformada:** na qual o surdo não consegue captar a representação da identidade ouvinte, hegemônica, e se sente numa identidade subalterna;
- **Identidade de Transição:** na qual o contato dos surdos com a comunidade surda é tardio, o que faz passar da comunicação visual-oral (na maioria das vezes truncada) para a comunicação visual sinalizada – o surdo passa por um conflito cultural;
- **Identidade Híbrida:** reconhecida nos surdos que nasceram ouvintes e se ensurdecaram e terão presentes as duas línguas numa dependência dos sinais e do pensamento na língua oral;
- **Identidade Surda:** na qual ser surdo é estar no mundo visual e desenvolver sua experiência na Língua de Sinais.

Os surdos que assumem a identidade surda são representados por discursos que os veem capazes como sujeitos culturais, uma formação de identidade que só ocorre entre espaços culturais surdos. Cada identidade se fortalece quando os mesmos se relacionam com os seus pares.

A partir do momento em que compreendemos essa diversidade de identidade, deve ser observado que tipos de comunicações que esses indivíduos fazem uso, e assim, estabelecer uma comunicação mais adequada. Falar e sinalizar junto não são

a melhor forma de se comunicar com a pessoa surda, às vezes nós ouvintes pensamos que estamos ajudando, mas na verdade tornamos a comunicação mais confusa, pois o indivíduo surdo não sabe se olha para os seus lábios ou para suas mãos. Mesmo diante de conflitos de identificação o surdo merece ser respeitado na sua cultura, seja ela: surda, híbrida, flutuante, intermediara, transição, inconformada e outras. O importante é dar o respeito que todos merecem diante de sua pessoa.

A língua de sinais é o meio de comunicação e interação que permite ao surdo expressar seus sentimentos e visões sobre o mundo sobre significado de forma mais completa. Sackes (1998, p.150) diz que “[...] os surdos possuem identidades social e cultural, formam um povo com sua própria cultura, como os Judeus ou os Galezes”. A Cultura Surda é uma das características da comunidade surda, que vem tentando representar na teoria cultural contemporânea a possibilidade de promover e/ou fazer parte do povo surdo em diferentes trajetórias na cultura, comunidade e na sociedade.

2.3 A Formação do Intérprete de Língua de Sinais

Historicamente, a presença do profissional intérprete de Libras na educação fundamental é assegurada pela Legislação brasileira, como está na Lei nº 12.319/10, que segue a norma mundial referente ao direito humano e adoção de uma perspectiva inclusiva, que pretende tirar das estatísticas da sociedade aqueles que lá estão socialmente e pela ideologia predominante nessa mesma sociedade excludente. Mas, quem é esse profissional social, qual seu papel o seu perfil? Sabe-se que em vários países há intérpretes de língua de sinais.

A história da constituição deste profissional se deu a partir de atividades voluntárias que foram sendo valorizadas enquanto atividade laboral na medida em que os surdos foram conquistando os seus direitos para o exercício de cidadania. (QUADROS, 2007). A participação de surdos nas discussões sociais representou e representa a chave para a profissionalização dos tradutores intérpretes de língua de sinais. Isto só foi possível devido ao reconhecimento da língua de sinais em cada país, ou seja, na medida em que a língua de sinais do país passou a ser

reconhecida enquanto língua de fato, os surdos passaram a ter garantias de acesso a ela enquanto direito linguístico. Assim, conseqüentemente, as instituições se viram obrigadas a garantir acessibilidade através do profissional intérprete de língua de sinais. (QUADROS, 2007).

Para atuar como intérprete o profissional deve obter formação específica por meio de cursos oferecidos por instituições de nível superior e outras instituições reconhecidas legalmente pelo MEC, como também a FUNAD que é aceita no Estado da Paraíba, a FENEIS no Estado do Rio de Janeiro, a APADA no Estado da Bahia entre outras, em seus certificados só são aceitos em seus respectivos estados. Em geral, após a conclusão do curso e realização de um exame de Proficiência em LIBRAS há emissão de um certificado, promovido pelo Ministério da Educação (MEC). Vale lembrar que:

- a) a comunidade surda em 2002, por meio da Lei nº 10.436, teve sua língua reconhecida;
- b) em 2005, o Decreto Nº 5.626, do dia 22 de dezembro de 2005, garantiu dentre outros avanços, uma educação bilíngue, além da presença de interprete na sala de aula;
- c) a Lei Nº 12.319, reconhecida no dia 1º de setembro de 2010, regulamenta a profissão de tradutor intérprete da LIBRAS.

Este último documento vem suscitando novas discussões acerca dos parâmetros para o exercício de tal função, como a formação dessa atividade, tendo em vista que o intérprete processa a informação dada em língua da fonte e faz escolhas lexicais, estruturais, semânticas e pragmáticas na língua alvo que devem se aproximar o máximo possível da informação dada na língua da fonte. Ou seja, o intérprete precisa, também, ter conhecimento técnico para que suas escolhas sejam apropriadas tecnicamente. Portanto, a ação de interpretar envolve processos altamente complexos (QUADROS, 2004).

O intérprete é muito mais que alguém bilíngue, dele são exigidos as mesmas habilidades dos intérpretes de línguas orais, habilidades semelhantes às dos tradutores e ainda um posicionamento ético mais rigoroso, devido ao contato diário com o surdo.

2.3.1 A Atuação do Intérprete de LIBRAS

De acordo com a FENEIS, o intérprete precisa ter caráter e boa índole e:

Ser humilde, sem rancor, convencimento ou orgulho próprio. O intérprete precisa ser a voz do surdo e a voz do ouvinte. (...) O intérprete precisa interpretar em qualquer lugar, sem preconceito como: grupo de conscientização homossexual, repartições públicas, religiões diversas. O intérprete respeitando a cada religião, deverá seguir a consciência e o coração. Mesmo que não seja de acordo deverá se manter em seu profissionalismo. Após chegar em casa sozinho deverá explodir. O intérprete sempre vestirá a camisa do interprete: ser sempre sigiloso e modesto (FENEIS, 2006)

O texto acima revela uma idealização da figura do intérprete de língua de sinais, como alguém sem defeitos: humilde sem rancor, modesto entre outros, exigido em nome do Código de Ética. Estas exigências éticas vêm atravessando os tempos permanecendo quase da mesma maneira, sem romper com o que ficou estabelecido pelo Código de Ética do profissional do intérprete língua de sinais.

Uma das melhores referências de estudos relacionados à comunidade surda aqui no Brasil, é a Ronice Miller Quadros, que traz com sigilo grandes descobertas com suas pesquisas que envolvem os aspectos do mundo dos surdos.

De acordo com Quadros (2007), professores de surdos não são necessariamente intérpretes de sinais (LIBRAS). Na verdade, os professores são professores (aqueles que ensinam algo) e os intérpretes são intérpretes (aqueles que interpretam, traduzem algo). Para a referida autora o professor de surdo deveria saber utilizar muito bem a língua de sinais, pois tem papel fundamental associado ao ensino e, portanto, completamente inserido no processo interativo educacional, social, cultural e linguístico do aluno surdo. Já o intérprete, por outro lado, é o mediador entre pessoas que não dominam a mesma língua abstendo-se, na medida do possível, de interferir no processo comunicativo.

Para Quadros (2007), o intérprete educacional é aquele que atua como profissional nas escolas. Como se sabe é a área de interpretação mais requisitada atualmente. O profissional intérprete de Libras é um especialista que deverá ter um perfil para intermediar as relações entre professores os colegas surdos e ouvintes.

Quadros (2007) afirma que o que envolve um ato cognitivo-linguístico é um processo em que o intérprete está diante de pessoas que apresentam intenções

comunicativas específicas e que utilizam línguas diferentes. O intérprete está envolvido na interação comunicativa (social e cultural) com o poder completo para influenciar o objeto e o produto da interpretação.

Ele é o profissional que domina a língua falada do país, e a língua de sinais, por essa razão, ele precisa ter qualificação específica para atuar como tal. Isso significa ter domínio dos processos, dos modelos, das estratégias e técnicas de tradução e interpretação, ou seja, é um conjunto específico de habilidades para atuar na área de interpretação em libras. Para que ele atue como um profissional intérprete ele precisa ter alguns elementos essenciais que o ajudem a definir seu perfil de um bom intérprete de língua de sinais, em sala de aula que devem ser considerados.

- Os intérpretes devem manter-se neutros e garantir o direito dos alunos de manter as informações confidenciais, ou seja, a confiabilidade é um elemento essencial na profissão do intérprete de libras;
- Os intérpretes têm o direito de serem auxiliados pelo professor através da revisão e preparação das aulas que garantem a qualidade da sua atuação durante as aulas;
- O intérprete deve ter imparcialidade, ou seja, o intérprete deve ser neutro e não interferir nas opiniões próprias;
- O intérprete deve atuar com discrição, ou seja, o intérprete deve estabelecer limites no seu envolvimento durante a atuação;
- O intérprete deve manter distância profissional, ou seja, o profissional intérprete e sua vida pessoal são separados;
- O intérprete deve atuar com fidelidade, ou seja, a interpretação deve ser fiel, ele não pode alterar a informação por querer ajudar ou ter opiniões a respeito de algum assunto. Portanto, o objetivo da interpretação é passar o que realmente foi dito.

Desta maneira percebe-se claramente que o profissional intérprete de LIBRAS ele é um mediador entre pessoas que não dominam a mesma língua abstendo-se, na medida do possível, de interferir no processo de comunicação.

Estes aspectos são de suma importância para que o intérprete tenha uma boa atuação, e que passe para seus alunos confiança, segurança tranquilidade. Vale lembrar que mesmo com as instituições acolhedoras para surdos, anteriormente à atuação do intérprete de LIBRAS era muito escassa a comunicação dos surdos com os ouvintes.

Os surdos se sentiam isolados no seu próprio mundo, ou seja, os surdos sentiam-se estrangeiros no seu próprio mundo. Para eles, os ouvintes não se interessavam em aprender a língua de sinais, diante deste quadro é bastante notável a falta de intérprete no ambiente escolar, fazendo com que os surdos caíssem de rendimentos por falta de comunicação.

2.3.2 A Interpretação para Surdos

De acordo com Strobel (2009, p. 01) o povo surdo é um:

[...] grupo de sujeitos surdos que tem costumes, história, tradições em comuns e pertencentes às mesmas peculiaridades, ou seja, constrói sua concepção de mundo através da visão.

Ainda para o autor acima,

[...] comunidade surda, na verdade não é só de surdos, já que tem sujeitos ouvintes junto, que são família, intérpretes, professores, amigos e outros que participam e compartilham os mesmos interesses em comuns em um determinado localização que podem ser as associação de surdos, federações de surdos, igrejas e outros.

Hoje, não se pode pensar nos surdos sem a ferramenta de apoio, que eles necessitam que é o profissional intérprete de LIBRAS. Isto porque a maioria dos surdos sentem dificuldades de compreensão na língua portuguesa, já que seu domínio é a L1(Língua de Sinais) sua língua materna, esta língua origina da língua de sinais francesa e tem sua própria estrutura e não depende da língua portuguesa.

Esta língua é para o surdo a L2 (Língua Portuguesa) sua segunda língua, ou seja, para o surdo é a língua estrangeira.

A língua de sinais é reconhecida no país na medida em que vai crescendo e possibilitado desenvolvimento e a importância da comunicação, o que facilita a comunicação visual propiciando uma liberdade ao surdo, ou seja, desenvolve a comunicação deste sujeito naturalmente. Saussure (1991, p. 17) diz que

[...] a linguagem é formada pela língua e a fala. A língua é tida como um sistema de regras abstratas composto por elementos significativos inter-relacionados. Ou seja, a linguagem, a língua e a fala dependem uma da outra, e assim, formam um conjunto no ato da comunicação.

A linguagem é uma característica essencialmente humana entre todas que dispomos, que aparece naturalmente a todos os seres humanos, exceto para criança surda. Embora seja apta a falar, por não poder ouvir os sons, não consegue desenvolver a linguagem oral se não tiver ajuda para fazê-lo. A evolução na educação especial sugere que os surdos passem a aprender a Libras como língua nativa (materna) e o Português como segunda língua. Isto melhoraria o desenvolvimento cognitivo da linguagem dos surdos.

Vygotsky (1989) citado por Lacerda (2008, p. 03)

[...] discute também que a linguagem tem como primeira função, tanto para o adulto quanto para a criança, a comunicação, o contato social e a influência sobre os indivíduos que estão ao seu redor. Assim, entende-se que a linguagem é um processo de construção entre dois mundos, o da cultura e consigo mesmo.

Não são numerosos os textos disponíveis sobre a trajetória da profissão do intérprete no Brasil. A maior parte deles trata das técnicas utilizadas, sem fazer referências do percurso deste campo de atuação. A partir do texto de Pagura (2003) é possível trazer um breve histórico até os dias de hoje, e contextualizar essa atuação profissional.

A referência mais antiga segundo o Pagura (2003) citado por Lacerda (2008), a existência de um intérprete remete a um hieróglifo egípcio do terceiro milênio antes de Cristo; posteriormente encontra-se nos registros de intérpretes na antiga Grécia e ao Império Romano. Como se percebe a atuação do intérprete de LIBRAS, já vinha acontecendo desde o início dos tempos, só não era reconhecida, e nem recebia algum valor pelo simples fato de que a própria ação não tinha nem valor na sociedade. Sendo assim, o profissional que acompanha o surdo também passou a ser desvalorizado devido à condição social que ele representava para uma minoria dos cidadãos.

A interpretação é o processo de tradução-interpretação de uma língua para outra, ou seja, o intérprete precisa ouvir/ver a enunciação em uma língua, processá-la e passar para a outra língua no tempo real, ou seja, simultaneamente. A interpretação é o ato de ação que depende do profissional intérprete de língua de sinais. O ato de interpretar envolve o cognitivo-linguístico, ou seja, é um processo em que o intérprete estará diante de pessoas que apresentam intenções comunicativas específicas e que utilizam línguas diferentes.

A modalidade de tradução e interpretação acontece da língua brasileira de sinais para o português oral, da língua de sinais para escrita, do português para a língua de sinais oral, de escrita para a língua de sinais. Uma tradução sempre envolve uma língua escrita, ou seja, a interpretação sempre envolve as línguas faladas sinalizadas. Para o surdo fica muito difícil entender a interpretação devido à complexidade de qualquer língua, seja ela o português ou qualquer outra língua estrangeira.

3 METODOLOGIA

A metodologia é o caminho do pensamento e a ação exercida na abordagem da realidade com a articulação entre conteúdos, pensamentos e existência. (LÊNIN, 1965, apud MINAYO, 2000).

Segundo Minayo:

[...] a metodologia não só contempla a fase da exploração de campo (escolha do espaço da pesquisa, escolha do grupo de pesquisa, estabelecimentos dos critérios da amostragem e construção de estratégias para entrada em campo) como a definição de instrumentos e procedimentos para a análise de dados. (2000, p. 43)

Para este trabalho, optamos por uma pesquisa qualitativa, realizamos para a fundamentação teórica uma pesquisa bibliográfica e outra documental e para a pesquisa de campo lançamos mão dos seguintes instrumentos de coleta de dados: entrevista com aplicação de questionários e observação na Instituição onde foi desenvolvida a pesquisa.

Também é importante ressaltar que a gestora que está à frente da escola, a professora Alessandra Toscano Lucena, colaborou de forma significativa oferecendo informações sobre a estrutura e a prática pedagógica do Centro de Educação Edivardo Toscano, propiciando liberdade para que fossem aplicados os questionários com os professores e os intérpretes de LIBRAS.

3.1 A Pesquisa

Segundo Ferreira (apud MINAYO, 2000, p.16), pesquisa significa “indagação ou busca minuciosa para averiguação da realidade; investigação, inquirição”. Além disso, também significa “investigação e estudo minudentes e sistemáticos, com o fim

de descobrir ou estabelecer fatos ou princípios a um campo qualquer de conhecimento”. Estas definições levam-nos a perceber que a pesquisa é um processo de conhecimento que precisa percorrer para se ter certeza das indagações da realidade.

Ainda segundo Minayo, (1998) entendemos por pesquisa a atividade básica da ciência por sua indagação e construção da realidade. É a pesquisa que alimenta atividade de ensino e a atualiza frente à realidade do mundo. Portanto, embora seja uma prática teórica a pesquisa vincula o pensamento e a ação, ou seja, nada pode ser intelectualmente um problema, se não tiver sido, em primeiro lugar, um problema na vida prática. Minayo afirma que a pesquisa

Dessa forma, considera que o fenômeno ou processo social tem que ser entendido nas suas determinações e transformações dadas pelo sujeito. Compreende uma relação intrínseca de oposição e complementariedade entre o mundo natural e social, entre o pensamento e base material. Advoga também necessidade de se trabalhar com a complexidade, com especificidade e com as diferenciações que os problemas e/ou “objetos sociais” apresentam. (Minayo, 1998) apud Tozoni-Reis (2010, p.10).

3.2 Pesquisa Bibliográfica

Para a fundamentação teórica deste trabalho realizamos uma pesquisa bibliográfica e foram consultados autores tais como: BENTES (2012) GOLDFELD (2002); LACERDA (2002); MAURICIO (2010); QUADROS (2007); STROBEL (2009); VELOSO; MAIA FILHO (2009) entre outros, os quais nortearam nossa pesquisa e conhecimentos e dando subsídios para este meu trabalho de conclusão de curso de graduação. Foram extraídos conteúdos de livros, artigos, monografia, documentos legais e revistas cujo conteúdo se relacionava com o tema. Ainda desse modo, uma análise mais ampla, uma pesquisa exploratória foi feita.

De início, buscamos, pesquisamos e analisamos em diferentes fontes bibliográficas acontecimentos e fatos históricos ligados ao tema: tendo seu início a trajetória da educação do surdo deste da época na antiguidade, a Idade Média, Idade Moderna e chegando a Idade Contemporânea.

A histórica da educação dos surdos possibilita-nos uma reflexão de como a pessoa surda foi vista. De início temos relatos que mostram muitas atrocidades para com os surdos, descaso e muitas formas negativas de interação social que se perpetuaram através de um longo tempo. Só recentemente é a Educação dos surdos abre espaço para a inclusão social dos mesmos.

3.3 Pesquisa Documental

A pesquisa documental foi realizada em vários documentos importantes para a educação dos surdos (com reflexão sobre os mesmos diluída dentro deste trabalho), assim como no Projeto Político Pedagógico da Escola.

O PPP (Projeto Político Pedagógico) do Centro Educacional Edivardo Toscano configura-se como um documento que relata todo o contexto escolar desde o início de sua fundação até os dias atuais.

De acordo com o seu PPP o Centro Educacional Edivardo Toscano não apresenta em sua metodologia algo que diferencie das demais Instituições, tendo em vista que o seu público estudantil é uma boa parte constituída por alunos com necessidades especiais, mas faz menção à educação inclusiva.

3.4 Pesquisa de Campo

A pesquisa foi realizada na escola municipal Centro Educacional Edivardo Toscano, na cidade de Guarabira-PB, com o objetivo geral de investigar como está a educação do aluno surdo na referida.

Neste estudo que ora apresentamos a coleta de dados foi realizada por meio de um questionário ver em anexo 2, base para as entrevistas com 3 (três) intérpretes e 7 (sete) professores do C. E. E. Toscano, no mês de junho de 2014.

Além dos questionários para coleta de dados lançamos mão da observação de atividades desenvolvidas em sala de aula e de um relato de uma professora acerca do histórico da instituição.

O questionário foi feito com a finalidade de colher dados referentes à educação dos surdos, seguindo uma linha de indagações onde o(a)s entrevistado(a)s iriam responder de acordo com a situação em viviam as suas respectivas práticas profissionais diariamente. De acordo com o questionário foram abordadas questões muito precisas para conhecermos mais a fundo e com clareza a situação em que se encontrava o aluno surdo do Centro Educacional Edivardo Toscano, na cidade de Guarabira-PB, pois a mesma referida é referência na área da educação de alunos que tem limitações, e/ou principalmente os alunos surdos nosso foco principal na pesquisa.

Nesta pesquisa, procurou-se verificar como está a educação do aluno surdo na escola em estudo. Foram feitas indagações acerca: dos dados pessoais; da formação dos entrevistados; da sua atuação profissional; do tempo que trabalhavam como professores/intérpretes; do nível de formação dos professores e intérpretes; de como desenvolveram o seu trabalho com alunos surdos; de quais as maiores dificuldades que enfrentam na sala de aula para trabalhar com alunos surdos; do que a escola faz para reverter este quadro de dificuldades; do que poderia ser feito para facilitar o papel como intérprete de LIBRAS na sala de aula e para os intérpretes foi questionado que outros meios são utilizados para conseguirem garantir a aprendizagem dos alunos surdos.

Todos os participantes foram previamente informados sobre as finalidades e procedimentos da pesquisa. Tendo concordado com o procedimento, assinaram o termo de consentimento que nos permitisse a divulgação das suas respostas.

Os alunos a que se referem os entrevistados são surdos não oralizados, que já conhecem ou que vieram a conhecer a LIBRAS no decorrer do processo de escolarização.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Iniciaremos este item registrando informações que foram coletadas por meio de relato experiência de uma das educadoras do Centro Educacional Edivardo Toscano e do seu Projeto Político Pedagógico. Depois registraremos os resultados e as análises da entrevistas com professores e intérpretes que trabalham com alunos surdos.

4.1 A Educação dos Alunos Surdos no Centro Educacional Edivardo Toscano

O Centro Educacional Edivardo Toscano, segundo a professora Fátima Rocha teve suas atividades pedagógicas iniciadas em abril de 2005, no bairro do Rosário no município de Guarabira-PB. O atendimento aos alunos com deficiência foi realizado em uma sala especial, tendo em vista a inclusão dos mesmos em outras escolas comuns. Alunos menores de 15 anos estudavam pela manhã e os maiores de 15 anos estudavam à tarde. Os conteúdos, além do ensino de LIBRAS, incluíam língua portuguesa, matemática, ciências, geografia e história. A maioria aprendia LIBRAS e no ano seguinte estudava nas salas regulares, acompanhados por intérpretes de Libras. Daí foram incluídos nas salas especiais não somente surdos, mas também alunos com necessidades especiais diversas, tais como: cadeirantes, cegos, deficientes intelectuais e também com síndromes. Foi feito um trabalho de conscientização não somente com os alunos, mas também com professores e o pessoal de apoio, no sentido de aceitar as diferenças como um detalhe no desenvolvimento destes alunos. Surgiu, então, a necessidade de cuidadores para auxiliarem nas necessidades básicas de alguns destes alunos.

Ainda de acordo com as palavras da professora e também intérprete de LIBRAS, foi observado um grande avanço não somente no sentido destes alunos conseguirem a apreensão de conteúdo, conseqüentemente serem promovidos para séries seguintes, mas também na elevação da autoestima deles, uma vez passaram a se sentir como “alguém” com quem outros se importam.

Na atualidade, a educação dos alunos surdos no Centro Educacional Edivardo Toscano está contextualizada dentro do seu PPP (Projeto Político Pedagógico).

A missão da escola é garantir uma educação de qualidade através de práticas inovadoras, voltadas para o desenvolvimento das competências básicas dos alunos e uma política de inclusão que valorize a diversidade e o respeito ao próximo.

O seu objetivo geral é desenvolver um trabalho participativo, integrado, dinâmico e criativo que envolva toda a comunidade escolar a fim de que se possa buscar caminhos que viabilizem aos alunos uma aprendizagem real e adequada para o exercício da cidadania.

A escola em estudo é referência em educação especial no município de Guarabira-PB, mesmo tendo em sua maioria alunos inseridos em classes comuns de acordo com sua faixa etária. A referida instituição tem um espaço físico tamanho padrão com acessibilidade, que possibilita a seus alunos uma locomoção satisfatória. Seu corpo docente em sua maioria tem especialidade e trabalha alguns anos com alunos com deficiência. No Edivardo Toscano trabalham profissionais que atuam em diversas áreas da Educação Especial, a saber: a) transcritor de braille, é o profissional que transcreve o conteúdo de português para o Braille; b) intérpretes de LIBRAS, que servem de mediadores entre alunos surdos x alunos ouvintes x professores e demais funcionários da escola; e c) cuidadores, que auxiliam os professores com alunos que tem dificuldades de locomoção. A metodologia do C. E. E. Toscano é voltada para alunos ouvintes e alunos com deficiência.

A escola deveria ter em seu currículo escolar conteúdo ou mesmo uma metodologia que propiciasse um aprendizado melhor para surdo. O PPP da escola não faz nenhuma diferenciação em conteúdos e muito menos na metodologia utilizada, mas destaca aspectos relevantes que propiciam uma educação inclusiva:

- Promover palestra com os profissionais da educação para estudo e abordagem de temas relacionados à Educação Inclusiva.
- Realizar momentos de estudo juntamente com a família, equipe da escola e profissionais especializados para envolvimento de todos no processo ensino-aprendizagem.
- Momentos de estudo para a discussão das ações em conjunto para melhorar o envolvimento com os alunos inclusos. (PPP do Centro Educacional Edivardo Toscano)

Entende-se que o PPP da escola visa fazer uma mediação entre a teoria e prática desenvolvida naquele espaço educacional. Percebe-se que a metodologia do ensino voltado para o surdo não tem uma proposta bilíngue que seria a condição ideal para os surdos na atualidade, tendo em vista que eles orientam uma metodologia para alunos ouvintes. No C. E. E. Toscano, o profissional intérprete de LIBRAS é de suma importância, pois é ele que passa e repassa tudo simultaneamente que o professor(a) explica para os alunos. Compreendemos que a qualidade do ensino na escola está diretamente relacionada ao bom aprendizado dos seus alunos e, a partir da leitura do PPP e das entrevistas realizadas podemos afirmar que a metodologia do C. E. E. Toscano é mais favorável para alunos ouvintes do que os surdos.

Considerando-se a educação voltada para os alunos surdos, o ensino é ministrado em Língua Portuguesa, a língua natural para pessoas ouvintes, ou seja, para o público ouvinte ela é a L¹, mas para alunos surdos ela passa ser a L². A avaliação é realizada da mesma forma, ou seja, o que nos leva a entender que toda metodologia incluindo o planejamento é feito e pensado para o público ouvinte, embora para os surdos na atualidade fosse preferível que LIBRAS aparecesse como L¹ desde o planejamento até a forma de acompanhamento e avaliação dos alunos.

Mesmo assim, a escola tem pensado em seus alunos com deficiência propiciando e desenvolvendo método de trabalho inclusivo no turno em que são matriculados na classe comum e atendimento educacional especializado no contra turno, na sala de recursos multifuncionais ou sala do AEE. Na sala de recursos trabalham duas professoras habilitadas na área e que sabem trabalhar principalmente com alunos surdos. Fica estabelecido assim: em horário normal os alunos com necessidades educacionais especiais têm aula na sala regular e no turno oposto recebem ensino em LIBRAS.

Na referida escola a inclusão é trabalhada com os alunos que precisam de uma atenção maior a exemplo dos alunos que tem limitação específica, seja ela, física, visual, auditiva, síndrome, ou mesmo transtorno global do desenvolvimento. Os alunos surdos recebem reforço para que eles apreendam os conteúdos tanto em Libras quanto em português, eles fazem as atividades e são avaliados sem diferenças.

Na escola trabalha-se muito com dinâmicas que facilitam o aprendizado descontraído de seus alunos e o envolvimento e a interação entre eles. De certa

forma esta ação tem seu lado positivo: os alunos especiais não se sentem diferentes em relação aos colegas ditos normais comparando os conteúdos ministrados. Por outro lado, está minoria, da qual fazem parte os alunos com necessidades especiais, é prejudicada por este processo de ensino, devido às suas limitações que os impedem de ter os mesmos resultados satisfatórios que seus colegas normais de classe.

Mesmo tendo uma equipe que sabe lidar com este público estudantil que apresenta algum tipo de deficiência, a escola em estudo deveria rever sua metodologia de trabalho para que os alunos com deficiência e principalmente os surdos fossem mais bem acompanhados e pudessem ter êxito nos estudos.

O Centro. E. E. Toscano antes tinha a responsabilidade de preparar alunos com deficiência para a escola regular. Hoje está se encaminhando para ser uma escola comum, como todas as escolas do município de Guarabira.

O Projeto Político Pedagógico do Centro. E. E. Toscano assume internamente o compromisso com a conscientização e transformação sociocultural da comunidade, concordando com o fato de que a educação é prioridade e que a diversidade regional não se configura como barreira para as propostas e ações pedagógicas inovadoras e que estas sirvam de norte para a prática educativa.

4.2 Resultados das Entrevistas com Professores

Neste item serão registrados os resultados das entrevistas com os professores. Informamos que ao todo responderam ao questionário 5 professoras e 2 professores. Além disso, é importante destacar que procuramos entrevistar todos os professores que atuam com alunos surdos na escola, entretanto, no que diz respeito ao segundo segmento, apenas três responderam à nossa solicitação em tempo para que realizássemos o estudo deste material.

4.2.1 Formação dos Professores e Área de Atuação

No início do questionário perguntamos aos entrevistados qual a sua formação e área de atuação profissional. Conforme quadro 1, obtivemos as seguintes respostas: todos os professores que ensinam aos alunos surdos têm formação acadêmica: sendo 4 graduados, 3 com especialização e 1 mestrando. É importante salientar que a especialização de dois dos entrevistados é na área de LIBRAS.

Quadro 1: Formação dos professores e área de atuação

Professor	Formação dos Professores	Área de Atuação
Professora Suzana	Especialista Supervisão e Orientação Educacional.	Professora Polivalente.
Professora Joana	Graduada em Pedagogia.	Professora Polivalente
Professora Gerlane	Mestranda, Especialização em LIBRAS, Graduada em Pedagogia.	Professora Polivalente
Professora Olivia	Mestranda, Especialização em LIBRAS, Graduada em Pedagogia.	Professora de Libras
Professor Antony	Graduado em História e Direito.	Disciplina de História
Professora Eva	Graduada em Língua Portuguesa e Linguística e Literatura.	Disciplina de Língua Portuguesa
Professor Regis	Especialista em Linguística e graduado em Letras.	Disciplina de História

Fonte: Elaborada pela autora, em 2014.

4.2.2 Nível e Anos (séries) de Atuação Profissional

Perguntamos aos entrevistados qual o nível de atuação profissional. Conforme quadro 2, quase todos os professores atuam apenas num segmento do ensino fundamental, entretanto 1 professora atua tanto no I como no II segmento. Os

professores estão assim distribuídos: a professora Suzana atua no 5º ano, a professora Joana atua no 2º, a professora Gerlane atua nos 2º e 9º anos, a professora Olivia atua no 4º ano, o professor Antony atua nos 7º, 8º e 9º anos, a professora Eva atua nos 8º e 9º anos e a professora Regis atua no 6º e 7º anos.

Quadro 2: Nível e anos (series) de atuação profissional

Professor	Em que nível e quais anos (séries) atuam
Professora Suzana	Fundamental I, na turma do 5º ano.
Professora Joana	Fundamental I, na turma do 4º ano
Professora Gerlane	Fundamental I e II, nas turmas 2º ao 9º ano.
Professora Olivia	Fundamental I, na turma do 4º ano.
Professor Antony	Fundamental II, nas turmas do 7º, 8º e 9º.
Professora Eva	Fundamental II, nas turmas do 8º e 9º ano.
Professor Regis	Fundamental II, nas turmas do 6º e 7º ano.

Fonte: Elaborada pela autora, em 2014.

4.2.3 Tempo de Atuação Profissional

Quanto ao tempo de atuação profissional foram oferecidas as seguintes respostas, conforme quadro 3: a professora Suzana, atua há 5 anos; a professora Joana e Olivia atuam 1 ano; a professora Gerlane, atua a 6 anos; a professor Antony, atua 10 anos; a professora Eva, atua há 4 meses e o professor Regis atua há 8 anos.

Quadro 3: Tempo de atuação profissional

Professor	Tempo de atuação profissional
Professora Suzana	5 anos
Professora Joana	1 ano
Professora Gerlane	6 anos
Professora Olivia	1 ano
Professor Antony	10 anos
Professora Eva	4 meses
Professor Regis	8 anos

Fonte: Elaborada pela autora, em 2014.

4.2.4 Como Desenvolvem o Trabalho com os Alunos Surdos

Os professores entrevistados responderam que desenvolvem o seu trabalho com alunos surdos da seguinte forma, de acordo com o quadro 4: a professora Suzana afirmou que o seu trabalho flui muito bem devido à presença do intérprete; a professora Joana, não relatou nada; a professora Gerlane, tem sua formação em LIBRAS e por isso ela desenvolve atendimento na sala do AEE, que oferece no contra turno e trabalha como intérprete; a professora Olivia, assim como a Olivia tem o apoio da intérprete; o professor Antony tenta superar os possíveis obstáculos; a professora Eva falou que trabalha também como intérprete por falta do mesmo. E o professor Regis falou que desenvolve o trabalho primeiramente com bastante atenção e paciência e conta com a ajuda da intérprete.

Quadro 4: Como desenvolvem o trabalho com os alunos surdos

Professor	Como desenvolvem o trabalho com os alunos surdos
-----------	--

Professora Suzana	Temos intérprete, assim nosso trabalho flui com sucesso.
Professora Joana	Não respondeu.
Professora Gerlane	Desenvolvo no atendimento no contra turno na sala do AEE e como intérprete na sala de aula regular.
Professora Olivia	Interagindo o conteúdo com a colaboração da intérprete.
Professor Antony	Tentando superar possíveis obstáculos.
Professora Eva	Estou atuando na função de intérprete. Procuo mostrar aos alunos representações visuais (desenhos, figuras) para facilitar a compreensão.
Professor Regis	Com bastante atenção e paciência primeiramente e com a ajuda da intérprete.

Fonte: Elaborada pela autora, em 2014.

4.2.5 Dificuldades que os Professores Entrevistados Enfrentam na Sala de Aula para Trabalhar com Alunos Surdos

Conforme o quadro 5, foram registradas as seguintes respostas no que diz respeito à existência/ausência de dificuldades para o trabalho com alunos surdos: para a professora Suzana não existe dificuldades, pois a escola disponibiliza materiais adequados; a professora Joana afirmou que não há dificuldade, por conta da presença do intérprete; a professora Gerlane falou que a metodologia é inadequada como também as estratégias que facilitam o aprendizado do aluno surdo; a professora Olivia registrou a falta de material adequado, como também o professor Antony, que destacou que às vezes falta intérprete na sala; a professora Eva relatou que sente dificuldades porque tem alunos que têm dificuldades em matemática e desconhecem a própria língua; e o professor Regis destacou a falta de conhecimento da língua, de materiais adequados e de falta de intérprete.

Quadro 5 Dificuldades que os professores entrevistados enfrentam na sala de aula para trabalhar com alunos surdos

Professor	Dificuldades que os professores entrevistados enfrentam na sala de aula para trabalhar com alunos surdos
Professora Suzana	Hoje não há grandes dificuldades, pois a escola disponibiliza de material para trabalharmos.
Professora Joana	Hoje não existe mais dificuldade, por que nós temos a presença da intérprete.
Professora Gerlane	Metodologia inadequada ou até a falta de metodologia e estratégias que facilitem o aprendizado do aluno surdo.
Professora Olivia	A falta de material para facilitar a vida escolar do aluno surdo.
Professor Antony	Às vezes a falta do Intérprete.
Professora Eva	Sinto dificuldades para trabalhar quando os alunos não tem compreensão sobre as operações de matemáticas e muitos casos desconhecem os próprios sinais de sua língua. Isso atrasa o conteúdo que está sendo trabalhado pela professora.
Professor Regis	Conhecimento da língua; materiais adequados; falta de intérprete.

Fonte: Elaborada pela autora, em 2014.

4.2.6 O que a Escola faz para Reverter este Quadro de Dificuldade?

Perguntamos aos entrevistados o que a escola faz para reverter este quadro de dificuldades? Conforme podemos observar no quadro 6, de acordo com as professoras Suzana e Joana como a escola é referência eles tem tudo que precisam para um bom trabalho com os alunos surdos; a professora Gerlane, disse que a escola não faz nada, ou muito pouco; a professora Olivia, disse que a escola disponibiliza a sala do AEE, para desenvolver melhor o aprendizado dos alunos surdos; o professor Antony afirmou que a escola tem se esforçado muito para a contratação de mais funcionários da área; a professora Eva relatou que os professores são compreensivos no repasse dos conteúdos; e o professor Regis,

falou que a escola busca contratar pessoas qualificadas para melhor trabalho entre professor e aluno.

Quadro 6: O que a escola faz para reverter este quadro de dificuldade?

Professor	O que a escola faz para reverter este quadro de dificuldade?
Professora Suzana	A escola é referência, sendo assim temos tudo que solicitamos para um bom trabalho.
Professora Joana	A escola disponibiliza de um bom material.
Professora Gerlane	Nada ou muito pouco.
Professora Olivia	A escola disponibiliza a sala do AEE no contra tempo do aluno para desenvolver melhor o aprendizado do mesmo.
Professor Antony	Tem se esforçado muito para a contratação destes. E mais profissionais.
Professora Eva	Os professores da escola são compreensíveis no repasse de conteúdos e explicações sempre atentos aos alunos especiais da sala.
Professor Regis	Contratar pessoas qualificadas para melhor trabalho entre professor e aluno.

Fonte: Elaborada pela autora, em 2014.

4.2.7 O que Poderia ser feito para facilitar o trabalho como professor(a) de Alunos Surdos?

Perguntamos aos entrevistados o que poderia ser feito para facilitar o seu trabalho como professora de alunos surdos. (ver quadro 7) a professora Suzana disse que precisam de materiais inovadores; a professora Joana falou que a escola está bem equipada; as professoras Gerlane e Olivia gostaria que fosse incluído um curso de capacitação que tratasse da educação do aluno surdo; o professor Antony falou sobre a necessidade de elaboração de materiais específicos; a professora Eva disse que gostaria que tivessem mais intérpretes e materiais visuais; e o professor

Regis falou que adaptar a escola para receber alunos com qualquer necessidade especial.

Quadro 7: O que poderia ser feito para facilitar o trabalho como professor(a) de alunos surdos?

Professor	O que poderia ser feito para facilitar o trabalho como professor(a) de alunos surdos?
Professora Suzana	Sempre necessitamos de material inovador para uma aula bem melhor.
Professora Joana	A escola está bem equipada.
Professora Gerlane	Incluir nos encontros pedagógicos ou nos semanas pedagógicas, curso de capacitação continuada, com relação a surdez.
Professora Olivia	Oferecendo um curso de capacitação para facilitar o trabalho do professor.
Professor Antony	A elaboração de materiais especiais.
Professora Eva	Precisa de mais intérpretes e material visual.
Professor Regis	Adaptar a escola para receber alunos com qualquer necessidade especial.

Fonte: Elaborada pela autora, em 2014.

4.2.8 Outros recursos utilizados para facilitar a aprendizagem dos alunos surdos

Os professores foram entrevistados acerca dos outros meios utilizados para facilitar a aprendizagem dos alunos surdos (ver quadro 8). Os (as) professores (as) Suzana, Joana, Gerlane, Olivia, Eva falaram que os mais utilizados são os recursos visuais a exemplo de DVD, desenhos e filmes. O professor Antony falou que tenta

interpretar e compreendê-los. E o professor Regis relatou usa apenas os livros e a intérprete.

Quadro 8: Outros recursos utilizados para facilitar a aprendizagem dos alunos surdos

Professor	Outros recursos utilizados para facilitar a aprendizagem dos alunos surdos
Professora Suzana	Sim, através da aula-vídeo, pesquisas, danças etc.
Professora Joana	Sim, vídeos, palestras, danças etc.
Professora Gerlane	A vivência do dia-a-dia, vídeos e algumas atividades de apoio. (Internet)
Professora Olivia	Trabalhando os conteúdos através de gravuras para uma boa visualização do assunto abordado.
Professor Antony	Tento interpretar e compreendê-los.
Professora Eva	Recursos visuais, dinâmicas de conteúdos usando a língua de sinais, uso do dvd com documentários, filmes etc.
Professor Regis	Não, apenas os livros e a intérprete.

Fonte: Elaborada pela autora, em 2014.

4.3 Resultados das Entrevistas com Intérpretes de LIBRAS

Neste item apresentaremos os resultados da pesquisa com os intérpretes de Libras, profissionais sobre os quais já discorremos anteriormente.

4.3.1 Formação das Intérpretes

De acordo com o quadro 9, duas entrevistadas têm especialização em LIBRAS e uma tem um curso técnico.

Quadro 9: Formação das intérpretes de LIBRAS

Intérprete	Formação das intérpretes de LIBRAS
Intérprete Gerlane	Especialização em LIBRAS
Intérprete Natilde	Técnica em LIBRAS
Intérprete Ana	Especialização em LIBRAS

Fonte: Elaborada pela autora, em 2014.

4.3.2 Nível de Atuação das Intérpretes

Conforme nos mostra o quadro 2, apenas a intérprete Ana atua no segundo segmento do ensino fundamental, as duas outras trabalham nos dois segmentos, sendo assim distribuídas: a intérprete Gerlane atua no 6º e 9º ano; a intérprete Natilde atua no 2º e 7º ano e a intérprete Ana atua 6º, 8º e 9º ano.

Quadro 2: Nível de atuação das intérpretes

Intérprete	Nível de atuação das intérpretes
Intérprete Suzana	Fundamental I e II, 6º e 9º ano.
Intérprete Natilde	Fundamental I e II, nas turmas do 2º e 7º ano.
Intérprete Ana	Fundamental II, nas turmas do 6º, 8º e 9º ano.

Fonte: Elaborada pela autora, em 2014.

4.3.3 Tempo de Atuação Profissional com Alunos Surdos

Quanto ao tempo de atuação duas das entrevistadas (Gerlane e Ana) têm seis anos de atuação profissional, e Natilde já atua na área como intérprete de LIBRAS e uma tem 5 anos.

Quadro 3: Tempo de atuação profissional com alunos surdos

Intérprete	Tempo de atuação profissional com alunos surdos
Intérprete Gerlane	6 anos
Intérprete Natilde	5 anos
Intérprete Ana	6 anos

Fonte: Elaborada pela autora, em 2014.

4.3.4 Turno de Trabalho das Intérpretes

Conforme apresenta o quadro 4, a intérprete Suzana trabalha tarde; a intérprete Ana trabalha tarde; e a intérprete Natilde trabalha nos dois horários.

Quadro 4: Turno de trabalho das intérpretes

Intérprete	Turno de trabalho das intérpretes
Intérprete Gerlane	Tarde
Intérprete Natilde	Manhã e tarde
Intérprete Ana	Tarde

Fonte: Elaborada pela autora, em 2014.

4.3.5 Como Desenvolvem o Trabalho com Alunos Surdos?

Quando perguntamos com as intérpretes desenvolvem o trabalho com alunos surdos, as intérpretes Gerlane e Ana disseram que por falta de profissionais elas estão atuando como intérprete, auxiliando os alunos surdos com a LIBRAS. A intérprete Ana disse ainda que procura mostrar aos alunos representações para facilitar a sua compreensão. A intérprete Natilde afirmou que é a verdadeira

profissional intérprete de LIBRAS que a escola tem, mesmo assim, falou que fazia o que podia, já que os alunos surdos ficam sobre sua responsabilidade total.

Quadro 5: Como desenvolvem o trabalho com alunos surdos?

Intérprete	Como desenvolvem o trabalho com alunos surdos?
Intérprete Gerlane	Devido à falta de profissionais na área estou atuando em sala regular, auxiliando o surdo no atendimento da sala da LIBRAS.
Intérprete Natilde	Faço o que posso para ajudar os alunos surdos, pois eles ficam responsabilidade total do intérprete.
Intérprete Ana	Estou atuando na função de intérprete, procura mostrar aos alunos representações para facilitar a compreensão.

Fonte: Elaborada pela autora, em 2014.

4.3.6 Quais as Maiores Dificuldades que enfrentam na sala de aula para trabalhar com alunos surdos?

As entrevistadas foram questionadas acerca das dificuldades que enfrentam na sala de aula para trabalhar com alunos surdos. De acordo com as intérpretes Gerlane e Natilde, a maior dificuldade é falta recursos visuais, e para a intérprete Ana, a maior dificuldade atribuída é que em muitos casos os próprios alunos não conhecem a língua de sinais.

Quadro C: Quais as maiores dificuldades que enfrentam na sala de aula para trabalhar com alunos surdos?

Intérprete	Quais as maiores dificuldades que você enfrenta na sala de aula para trabalhar com alunos surdos?
Intérprete Gerlane	Dificuldade em explicar alguns conteúdos sem nenhum recurso visual ou até mesmo sem saber do planejamento do professor.
Intérprete Natilde	Falta de materiais visuais e dessa forma a explicação é prejudicada e a falta de comunicação entre professor e intérprete na elaboração do planejamento. E muitos alunos não tem domínio da Libras.
Intérprete	Sinto dificuldade quando o aluno não tem compreensão sobre

Ana	as operações, e em muitos casos desconhecem os próprios sinais de sua língua.
-----	---

Fonte: Elaborada pela autora, em 2014.

4.3.7 O que a escola faz para reverter este quadro de dificuldades?

Foi perguntado às entrevistadas o que a escola faz para reverter este quadro de dificuldades? As intérpretes Gerlane e Natilde, responderam que não percebem muita ação, ou quase nada é feito, como também relataram a falta de despreparo dos professores em relação ao conhecimento na LIBRAS. E a intérprete Ana não respondeu nada.

Quadro 7: O que a escola faz para reverter este quadro?

Intérprete	O que a escola faz para reverter este quadro?
Intérprete Gerlane	Não percebo muita ação não. O professor alega o despreparo e a falta de conhecimento na LIBRAS.
Intérprete Natilde	Quase nada, eles colocam os alunos surdos numa sala de aula e a intérprete que se vire para ensinar os mesmos.
Intérprete Ana	Não respondeu.

Fonte: Elaborada pela autora, em 2014.

4.3.8 O que poderia ser feito para facilitar o trabalho como intérprete?

Perguntamos qual a opinião das entrevistadas acerca do que poderia ser feito para facilitar o seu trabalho como intérprete. A intérprete Gerlane e Natilde disse que os profissionais precisam de uma preparação por meio da implantação de cursos de capacitação para a escola. Entretanto, a intérprete relatou que o professor precisa saber qual o seu papel e o papel do intérprete de Libras. E a intérprete Ana, disse que precisam de mais intérpretes.

Quadro 8: O que poderia ser feito para facilitar o trabalho como intérprete?

Intérprete	O que poderia ser feito para facilitar o seu trabalho como intérprete?
Intérprete Gerlane	Uma maior preparação do profissional docente, implantando cursos de capacitação para a escola.
Intérprete Natilde	O professor souber qual o papel dele, e ter curso de capacitação em Libras, e orientação do que é a função do intérprete, que é só interpretar e não ensinar.
Intérprete Ana	Precisam de mais intérpretes.

Fonte: Elaborada pela autora, em 2014.

4.3.9 Outros meios utilizados para facilitar aprendizagem dos alunos surdos

Uma última questão feita às entrevistadas foi acerca de outros recursos utilizados para se conseguir uma melhor aprendizagem por parte dos alunos surdos. Conforme podemos observar no quadro 9, as repostas foram as seguintes: a intérprete Gerlane disse que procura amenizar a dificuldade no atendimento do AEE no contra turno. A intérprete Natilde não respondeu e a intérprete de LIBRAS Ana, descreveu que utiliza diversos recursos tais como DVD com documentários, filmes e etc.

Quadro 9: Outros meios utilizados para facilitar aprendizagem dos alunos surdos

Intérprete	Outros meios utilizados para facilitar aprendizagem dos alunos surdos
Intérprete Gerlane	Tento amenizar a dificuldade no atendimento do AEE, no contra turno.
Intérprete Natilde	Não respondeu.
Intérprete Ana	Recursos visuais, dinâmicas de conteúdos usando a língua de sinais, uso do DVD, com documentários, filmes e etc.

Fonte: Elaborada pela autora, em 2014.

4.4 Análise dos Resultados das Entrevistas com os Professores

Observando os resultados das entrevistas com os professores chegamos às seguintes reflexões:

Quanto à formação profissional todos estes que foram entrevistados tem uma boa formação acadêmica, que é de grande valia para o alunado, entretanto, a falta de conhecimento em língua de sinais por parte de alguns professores prejudica diretamente a qualidade do aprendizado e sucessivamente o bom desempenho intelectual os alunos surdos.

Quanto à atuação profissional, eles deixam claro que se esforçam o máximo possível para cumprir com a demanda da função que eles exercem.

Quanto ao tempo de experiência profissional os dados mostram que alguns desde têm uma experiência satisfatória, por já estarem acompanhando alguns alunos surdos há alguns anos. No entanto, por outro lado, percebe-se claramente que tem professores trabalhando com alunos surdos há pouco tempo.

Quanto à forma como desenvolvem o trabalho com alunos surdos alguns dos professores utilizam recursos visuais e dinâmicas, mesmo com ou sem a intérprete de libras. Isto acontece por conta da carência na falta de profissionais intérpretes de libras provisoriamente, que de acordo com o relato da gestora, a escola está aguardando a chegada dos intérpretes que passaram no último concurso do ano 2013, realizado na cidade de Guarabira. E por conta deste concurso, a gestão municipal não poderá contratar profissionais da área, sem que antes as pessoas concursadas assumam suas respectivas funções.

Quanto às dificuldades indicadas alguns obstáculos atrapalham o andamento do processo do ensino aprendizado dos alunos surdos, pois os professores não conseguem desempenhar suas atividades por conta destas dificuldades. Às vezes faltam recursos. Muitos são os documentos legais que garantem recursos e atendimento educacional especializado, a exemplo da LDB nº 9.394/96, da Lei 7.611/2011, das DCN para a Educação Especial na Educação Básica entre outros. Outras vezes falta o conhecimento na língua de sinais e até intérpretes, que já estão garantidos pela Lei 10.436/2002, e isto acarreta grandes dificuldades no aprendizado dos alunos surdos.

Mas nem todos concordam que existam dificuldades, visto que alguns conseguem driblar as dificuldades que ocorrem, isto só acontece porque alguns dos professores que já vinham acompanhando seus alunos surdos aprenderam um pouco de língua de sinais, e isto ajudou a minimizar tais dificuldades.

Quanto às ações efetivas que a escola toma para reverter o que quadro de dificuldades, a referida instituição busca contratar de profissionais da área para darem suporte à demanda que existe por lá. O fato é que escola ainda não está atendendo aos surdos de maneira eficaz.

Para alguns a escola já faz o que deveria ser feito. Segundo alguns professores a escola já faz tudo. Está tudo certo com o seu trabalho.

Sobre o que deveria ser feito para a melhoria dos trabalhos com os alunos surdos, os entrevistados responderam em sua maioria que a escola deveria proporcionar formação para os professores e que esta formação deveria ser contínua. Só assim, os professores melhorariam sua prática junto aos seus alunos surdos. Desta forma, estes professores não iriam ficar tão dependentes dos intérpretes como mostra os dados levantados na pesquisa. A minoria prefere trabalhar com matérias que tornem suas práticas inovadoras. A maioria reconhece que o apoio do intérprete é essencial para que os alunos consigam ter um bom desempenho nos estudos.

Quanto às estratégias de ensino, os professores gostam de trabalhar com alguns recursos visuais para facilitar o aprendizado dos alunos surdos e ao mesmo tempo proporcionar uma interação visual da prática dos conteúdos abordados na sala de aula.

Diante do exposto é possível afirmar que na visão da maioria dos professores a educação dos surdos no Centro Educacional Edivardo Toscano está limitada, pois seus alunos não conseguem aprender no mesmo ritmo dos demais alunos ouvintes. Neste sentido há um prejuízo para o bom rendimento escolar dos alunos surdos.

4.5 Análise dos Resultados das Entrevistas com os Intérpretes do Centro Educacional Edivardo Toscano

A análise do estudo feito com as intérpretes do Centro Educacional Edivardo Toscano, mostrou que a formação das intérpretes de LIBRAS é satisfatória, pois elas tem a formação específica necessária para exercer o seu papel como mediadora entre alunos surdos, alunos ouvintes e todo corpo docente com destaque aqueles que lecionam a alunos surdos.

De acordo com o resultado do quadro 9, as interpretes: Gerlane e Ana que são especialização em LIBRAS, com exceção da intérprete Natilde, tem o ensino superior incompleto, mais na área de Libras ela tem o técnico.

Quanto ao nível de atuação ficou demonstrado que as intérpretes Gerlane e Natilde, atuam nos dois seguimentos, e a intérprete Ana, só atua no segundo seguimento.

Quanto ao tempo de experiência todas as intérpretes Gerlane, Natilde e Ana têm um bom tempo de atuação com uma pequena diferença em relação a intérprete Natilde, que só tenha 5 anos na sala de aula regular, como percebemos através dos dados no quadro 10.

Quanto aos horários as intérpretes Gerlane, Ana e Ana trabalham no horário da tarde, em exceção da intérpretes Natilde, que trabalha nos dois horários.

Quanto à forma de como desenvolver o trabalho as intérpretes Gerlane, Natilde, e Ana fazem o que está ao seu alcance, procurando mostrar aos alunos representações visuais para facilitar melhor o aprendizado dos alunos surdos, mesmo sabendo que muitas vezes, os alunos surdos se dirigem as intérpretes como se fossem suas professoras.

Quanto às dificuldades apresentadas por elas, todas alegam que a falta de materiais prejudica o processo de ensino aprendizagem e que alguns alunos não têm o domínio de conhecimento na língua de sinais, fazendo com que a comunicação que acontece simultaneamente esteja comprometida entre alunos e professores.

Quanto ao que a escola faz para reverter a situação de necessidades, fica claro que as interpretes não recebem muita ação por parte da escola. Mostram preocupação de preparo de alguns professores. A intérprete Ana reconhece que os professores são compreensivos no repasse de conteúdos para seus alunos surdos.

Quanto às estratégias de trabalho as intérpretes Gerlane, Natilde e Ana falaram que seria necessário que a escola oferecesse curso de capacitação em

LIBRAS, e que solicitasse mais intérpretes de Libras para se obter um resultado satisfatório com o aprendizado de seus alunos surdos.

De acordo com a intérprete Natilde, os professores deveriam saber quais seus papéis, assim como os intérpretes de LIBRAS como relata Quadros (2007) professores são professores e intérpretes são intérpretes. Cada profissional desempenha seu papel que se diferencia imensamente. O papel do professor está associado ao ensino e, portanto, completamente inserido no processo interativo social, cultural e linguístico. O intérprete por outro lado, é o mediador entre as pessoas que não dominam a mesma língua abstendo-se, na medida do possível, e interferir no processo comunicativo. Portanto há uma diferença muito clara em relação aos papéis de cada profissional da área de educação de surdos.

Quanto a outras maneiras de passar conteúdos, para as entrevistadas seriam necessários materiais que auxiliassem no processo de aprendizagem de seus alunos surdos. Isto favoreceria um bom rendimento para os alunos na escola municipal referência da aceitação de alunos com necessidades especiais, com destaque a alunos surdos e que têm a seu lado profissionais qualificados na área de LIBRAS.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho mostrou como a trajetória da educação dos surdos foi de muitos obstáculos. Desde a Antiguidade, as pessoas que apresentassem algum tipo de imperfeição eram sacrificadas, porque sua condição de seres imperfeitos não preenchia os requisitos de cidadãos, pois estes teriam que contribuir com a sociedade, seja ela espartana, romana ou qualquer outra.

Durante longos anos a situação do surdo foi de completa exclusão social como relata no livro de Strobel (2009) e outros. Devido à deficiência, ou seja, por não conseguirem se comunicar ou estabelecer relações com outras pessoas os surdos eram considerados de baixo valor social. Sendo assim, durante muito tempo, os surdos não gozavam de seus direitos, viviam dependentes de outras pessoas, dentro ou fora do ciclo familiar. Em síntese, a história dos surdos, contada pelos não surdos, é mais ou menos assim: primeiramente os surdos foram descobertos pelos ouvintes, depois eles foram isolados da sociedade para serem educados e afinal conseguirem ser como os ouvintes; quando não mais se pode isolá-los, porque eles começaram a formar grupos que se fortaleciam, tentou-se dispersá-los, para que não criassem guetos.

Este quadro começou a ser revertido a ser revertido no século XX. Com o surgimento do período do oralismo, a comunidade surda teve um atraso de cem anos em relação ao aprendizado, por falta da comunicação em língua de sinais, mais perceberam que precisaria de ingressar no meio social, devido a sua condição que os deixavam isolados da sociedade e/ou as margens da referida.

O surgimento da Comunicação Total veio trazer muitas alegrias aos surdos, pois alguns não conseguiam oralizar, para a Comunicação Total era defender a utilização de recursos espaço-viso-manuais como facilitadores da comunicação. (Goldfeld, 2002) Mas, com o surgimento do Bilinguismo, a comunidade surda obteve mais ganhos. Foram muitas as conquistas, especialmente após da criação da Língua Brasileira de Sinais, que veio a somar com os ganhos obtidos devido as políticas públicas, com as Leis que foram criadas para garantir o direito dos surdos perante a sociedade brasileira.

Este estudo investigou o processo de educação do aluno surdo no Centro Educacional Edivardo Toscano no município de Guarabira-PB, que apesar dos

avanços conquistados, educação dos surdos na atualidade ainda apresenta muitos limites. A saber: falta de preparação dos profissionais que atuam diretamente com alunos surdos inseridos no ensino regular; falta de intérpretes para todos os espaços onde os surdos circulam, no estudo em questão na própria sala de aula onde os surdos estudam; falta de materiais didáticos apropriados; políticas públicas que não se efetivam na prática entre outros.

Em resumo, a escola estudada precisa se adequar às suas necessidades para poder desenvolver uma metodologia apropriada, onde seus alunos surdos consigam desenvolver o seu aprendizado para assim prosseguirem dentro de um processo maior de inclusão social.

Mas, como o caminho se faz ao andar, esperamos que novas conquistas aconteçam e que os surdos possam ter os seus direitos garantidos de fato com o suporte que escolas comprometidas com a sua formação venham lhe oferecer. Esperamos que novos estudos apresentem experiências significativas a favor da educação dos surdos. Isto é questão de cidadania!

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1990.
- BRASIL. **Lei nº 9394**, de 20.12.96, Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Diário da União, ano CXXXIV, N. 248, 23.12.96.
- _____, **Ministério da Educação** Secretária de Educação Especial. Lei 10.436/2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais-LIBRAS e dá outras providências.
- _____, **Ministério da Educação** Secretaria de Educação Especial. Decreto 5.626/2005. Regulamenta a Lei 10.436 de 24 de abril de 2002.
- _____. Lei 12.319/2010. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Ato2007-2010/2010/Lei/L12319.htm Acesso em **10 jun. 2014**.
- BENTES, José Anchieta de Oliveira. **Normalidade e disnormalidade: formas do trabalho docente na educação de surdos**. Campina Grande: EDUEPB, 2012.
- BIANCHETTI, Lucídio; FREIRE, Ida Mara. **Aspectos históricos da apreensão e da educação dos considerados deficientes**. In Um olhar sobre a diferença: interação, trabalho e cidadania. 5.ed. Papyrus Editora, 2002.
- GOLDFELD, Marcia. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista**. 2. Ed. São Paulo: Plexus Editora, 2002.
- LACERDA, Cristina B. F. de Lacerda. **Intérprete de Libras: Em atuação na educação infantil e no ensino fundamental**. Editora Mediação, 2008.
- MAURICIO, Aline Cristina Lofrese. **Educação e Currículo: Fundamentos e Práticas Pedagógica Na Educação de Surdos**. 1. Ed. São Paulo: Editora Impressão, 2010.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes. 1996.
- PERLIN, G. **Identidades Surdas**. In: Skliar (Org). **A surdez: Um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 1998.
- QUADROS, Dra. Ronice Muller. **O Tradutor e Intérprete de Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa**. 2. Ed. Prol, 2007.
- ROCHA, Solange. Histórico do INES. In: Revista Espaço: edição comemorativa 140 anos do INES - Instituto Nacional de Educação de Surdos. Belo Horizonte: Instituto Nacional de Educação de Surdos. Belo Horizonte: Editora Littera, 1997.

- RADUTZY, Elena. **Dizionario bilingue elimentare dela lingua italiana dei segni**. Roma, Itália: Edizione Kappa, 1992.
- SILVA, Daniele Nunes Henrique. **Como brincar com crianças surdas**. 2. Ed. São Paulo: Plexus Editora, 2002.
- SOARES, M. A. L. **A educação do surdo no Brasil**. Campinas: Autores Associados/Bragança Paulista, 1999.
- STROBEL, Karin Lilian. **A visão histórica da in (ex) clusão dos surdos nas escolas**. Campinas: ETD-Educ., 2006.
- TOZONI-REIS, Marilia Freitas de Campos. **Metodologia da Pesquisa**. 2. ed. Curitiba: IESBE Brasil S. A., 2010.
- VELOSO, Éden; MAIA FILHO, Valdeci. **Aprenda LIBRAS com eficiência e rapidez**. Vol. 1. Curitiba, PR: Mãos Sinais, 2009.
- Título: **300**: Rise of na Empise. Editora: Warnes Bros. 2006.

APÊNDICES

APENDICE A – QUESTIONÁRIO DOS PROFESSORES



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

Questionário – Professor(a)

Este questionário está sendo solicitado para a realização da pesquisa de campo sobre a educação dos surdos no Centro de Educação Edivardo Toscano, do município de Guarabira – PB, tendo em vista a elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da aluna Maria de Fátima Carlos de Souza do curso de Pedagogia da UEPB, Campus III.

Questionário

1-Dados Pessoais

Nome: _____ Idade: _____ Sexo
feminino () Masculino ()

2. Formação

Nível de escolaridade

() médio incompleto () médio completo

() superior incompleto () superior completo () outros Curso:.....

3. Atuação profissional:

3.1 Qual a sua profissão? _____

3.2 Há quanto tempo atua com alunos surdos? _____

3.2 Em que nível atua?

() Fundamental -I () Fundamental-II

3.3 Qual(is) o(s) ano (s) em que atua? _____

3.4 Local onde atua:_____

3.5 Como você desenvolve o seu trabalho com alunos surdos?

3.6 Quais as maiores dificuldades que você enfrenta na sala de aula para trabalhar com seus alunos surdos?

3.7 O que a escola faz para reverter este quadro?

3.8 Em sua opinião, o que poderia ser feito para facilitar o seu papel como intérprete de libras na sala de aula?

3.9 Além de você interpretar existem outros meios para que você consiga passar para seus alunos surdos os conteúdos? Quais?

Autorizo a divulgação dos dados desta Pesquisa:

.....

Local:..... Data:.....

Obs.:

APENDICE B – QUESTIONÁRIO DOS INTÉRPRETES



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

Questionário - Intérprete

Este questionário está sendo solicitado para a realização da pesquisa de campo sobre a educação dos surdos no Centro de Educação Edivardo Toscano, do município de Guarabira – PB, tendo em vista a elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da aluna Maria de Fátima Carlos de Souza do curso de Pedagogia da UEPB, Campus III.

Questionário

1-Dados Pessoais

Nome: _____ Idade: _____ Sexo
feminino () Masculino ()

2. Formação

Nível de escolaridade

() médio incompleto () médio completo

() superior incompleto () superior completo () outros Curso:.....

3. Atuação profissional:

3.1 Qual a sua profissão? _____

3.2 Há quanto tempo atua com alunos surdos? _____

3.2 Em que nível atua?

() Fundamental -I () Fundamental-II

3.3 Qual(is) o(s) ano (s) em que atua? _____

3.4 Local onde atua:_____

3.5 Como você desenvolve o seu trabalho com alunos surdos?

3.6 Quais as maiores dificuldades que você enfrenta na sala de aula para trabalhar com seus alunos surdos?

3.7 O que a escola faz para reverter este quadro?

3.8 Em sua opinião, o que poderia ser feito para facilitar o seu papel como intérprete de Libras na sala de aula?

3.9 Além de você interpretar existem outros meios para que você consiga passar para seus alunos surdos os conteúdos? Quais?

Autorizo a divulgação dos dados desta Pesquisa:

.....

Local:..... Data:.....

Obs.: